

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

**VARIAÇÃO FONÉTICA DO RONGA DA CIDADE DE MAPUTO:
A INFLUÊNCIA DO CHANGANA.**

*Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de
Licenciatura em Linguística na Universidade Eduardo Mondlane.*

POR

Albertina das Dores Gonçalves Chachuaio Moreno

81342 = 432.965.1
M843v
06

F. LETRAS U. E. M.	
R. E.	23435
DATA	7/ Maio/ 1993
ACQUISTO	06/10/93
DATA	LT-67

MAPUTO, MAIO 1994

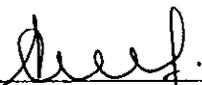
**A VARIAÇÃO FONÉTICA DO RONGA DA
CIDADE DE MAPUTO: A INFLUÊNCIA
DO CHANGANA**

A minha filha, Dirce, e irmã, Filoca, pela companhia sempre
amiga e estimulante.

Ao meu esposo e amigo, Silvino, pelo amor, compreensão e apoio
técnico.

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.



Albertina das Dores G. Chachuaio Moreno
Maio, 1994

AGRADECIMENTOS

Ao meu supervisor, dr. William Gárdner, pelo apoio, encorajamento e disponibilidade os quais tornaram possível a realização deste trabalho.

Ao Prof. Doutor William Humbane pelas recomendações dadas na análise estatística.

A todos os professores do curso de Linguística pelos ensinamentos ao longo dos cinco anos do curso.

À dra. Inês Machungo e ao dr. Marcelino Liphola pelas valiosas contribuições.

À direcção da Escola Secundária da Lhanguene, na pessoa do seu director, sr. José Raimundo e os professores afectos à Direcção Pedagógica.

Aos meus colegas de curso pelo apoio com ideias que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

RESUMO

Tal como foi já provado, a variação linguística é um fenómeno reconhecido e observável em todas as línguas e a todos os níveis.

Não obstante, ela manifesta-se em cada língua de forma peculiar. Ao nível fonético, ela se correlaciona com factores linguísticos e extralinguísticos que determinam a produção dos sons.

O objectivo da presente dissertação é demonstrar que a diferença na pronúncia de determinados sons do ronga, entre os falantes jovens e adultos, é motivada pelo contexto sociolinguístico da cidade de Maputo.

Pretende-se provar que, as escolhas preferidas pelos falantes mais jovens, são influenciadas pelo changana, língua também falada na urbe, com a qual mantêm um contacto permanente.

O texto está dividido em cinco capítulos:

CAPÍTULO I- Introdução, apresentação do tema e da situação sociolinguística da cidade de Maputo.

CAPÍTULO II- Revisão da literatura e breve abordagem de conceitos pertinentes nos estudos da variação linguística.

CAPÍTULO III- Metodologia usada ao longo da investigação.

CAPÍTULO IV- Análise e interpretação dos dados.

CAPÍTULO V- Conclusões.

ÍNDICE

PÁGINA

Abreviaturasviii

CAPÍTULO I

1.1 Introdução.....	1
1.2. Apresentação do Tema.....	5
1.3. Situação Sociolinguística da Cidade de Maputo	
1.3.1. Maputo uma comunidade de fala.....	8
1.3.2. Maputo uma comunidade Multilingue.....	11
1.3.3. Maputo uma comunidade Diglóssica.....	12

CAPÍTULO II

2. Revisão da Literatura.....	18
2.1. Língua e Dialecto.....	22
2.2. Variação da Língua.....	26

CAPÍTULO III

3. Metodologia.....	31
3.1 Seleccção dos falantes.....	33
3.1.1 Resultados do inquérito Sociolinguístico.....	35
3.2.Recolha dos Dados.....	37
3.3. Identificação das Variáveis.....	38

CAPÍTULO IV

4. Análise dos Dados.....	43
4.1. Teste de Hipóteses	
4.1.1. Língua e Idade.....	46
4.1.2. Língua e Sexo.....	49
4.2. Interpretação dos dados	
4.2.1. A Influência do Changana.....	53
4.2.2. Sistema fonético do Ronga e do Changana.....	56
4.2.3. Variação fonética no Ronga.....	58
4.2.3.1. Variação fonética de [tɕ, dɕ, zɕ].....	62
4.2.3.2. Variação fonética de [j.ɲ], [n ^w .n] e [β.v].....	66

CAPÍTULO V

5. CONCLUSÕES.....	72
--------------------	----

ANEXOS

ANEXO I - Mapa Linguístico de Moçambique. NELIMO, (1989).....	77
ANEXO II - Mapa da Distribuição de Falantes de Xironga na Província de Maputo, NELIMO, (1989).....	78
ANEXO III - Mapa de Distribuição de Falantes de Xitsonga, NELIMO, (1989).....	79
ANEXO IV - Inquérito Sociolinguístico.....	80
ANEXO V - Lista de Palavras de Vocabulário Básico.....	81
ANEXO VI - Quadro Fonético dos Contóides do Ronga.....	82
ANEXO VII - Quadro Fonético dos Contóides do Changana.....	83

BIBLIOGRAFIA.....	84
-------------------	----

ABREVIATURAS

IPA - Alfabeto Fonético Internacional

NELIMO - Núcleo de Estudos de Linguas Moçambicanas

[b] - Transcrição fonética

/b/ - Transcrição fonológica

(tɾ) - Variável linguística

(tɾ):[tɾ]/[ts] - Variável linguística seguida de suas variantes

C^w - Consoante labializada

ç - Consoante retroflexa

C^h - Consoante aspirada

C^ɥ - Consoante palatalizada

/a:/ - alongamento da vogal

cf. - confrontar

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

A língua, esse bem social e individual, de que nos servimos para transmitir pensamentos, emoções ou, através dele, estabelecer e manter relações com outros indivíduos na sociedade, tem-se revelado uma grande caixa de surpresas com muitos dos seus mistérios ainda por desvendar.

De facto, não tem sido fácil explicar a quantidade de fenómenos que ocorrem num indivíduo quando ele planifica o que quer dizer, quando se dirige a alguém ou quando descodifica uma mensagem quer verbal quer não verbal.

Além disso, existem outras questões ligadas a problemática da influência de factores extralinguísticos no comportamento linguístico, que ainda preocupam os estudiosos.

Gumperz (1971), considerou que, os enunciados têm, do ponto de vista sociolinguístico, um significado social e referencial e que é possível através de índices sociologicamente determinados, estabelecer correlações estatisticamente significativas entre eles e o comportamento verbal.

A introdução da componente social no estudo da língua, não só, constituiu um complemento a anterior linguística a-social, como também, introduziu novas perspectivas na interpretação dos fenómenos linguísticos.

O estudo da variação da língua, torna-se assim, uma das áreas mais importantes nos estudos sociolinguísticos, alargando-se as pesquisas da nova área, para a perspectiva sincrónica.

Labov (1966) em "THE SOCIAL STRATIFICATION OF ENGLISH IN NEW YORK" um estudo inovador que revolucionou e influenciou pesquisas subsequentes e, posteriormente Shuy. et al (1968) num estudo de Detroit e, Trudgill (1974) com o Inglês de Norwich, são alguns dos estudiosos que demonstraram a relação entre a fala e a classe social.

Outros factores sociais como a idade o sexo a raça, também figuram nos estudos pós-Labov (1966), muitos deles caracterizados por uma nova metodologia adequada a tipos de sociedade diferentes da americana, considerada menos variada que outras comunidades espalhadas pelo mundo¹. Contudo, apesar de já haver muito trabalho realizado nesta área não parece demais mais uma investigação afim de, não só, revalidar esta relação entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas como também, fornecer um estudo envolvendo duas línguas do grupo bantu, o Ronga e o Changana, quase nada estudadas em termos sociolinguísticos.

¹ cf. Suzanne, R. (ed.), *Sociolinguistic Variation in Speech Communities*, London, Edward Arnold, 1982, p. 2.

O objectivo da dissertação é demonstrar que as diferenças verificadas na produção dos sons do Ronga, entre os falantes jovens e adultos, são motivadas pelo contexto sociolinguístico caracterizado por um contacto de línguas e, por conseguinte, elas são o resultado da convivência dos falantes com mais de uma língua.

O projecto é uma tentativa ousada de preencher a grande lacuna que ainda é a descrição das línguas bantu pois, poderá fornecer material para a discussão de aspectos linguísticos quiçá, abordados pela primeira vez em relação a estas línguas.

O texto da dissertação dividir-se-á em cinco partes: o Capítulo Primeiro é dedicado, para além da introdução, a uma abordagem da situação sociolinguística da cidade, onde se descreverá o tipo de comunidade de fala que é Maputo, abordar-se-á a distribuição das línguas de acordo com a sua função, seguindo-se uma apresentação do tema da dissertação .

No Capítulo Segundo apresenta-se a revisão da literatura relacionada com o tema, onde se abordarão questões ligadas aos desenvolvimentos científicos na área da variação linguística, bem como alguns conceitos pertinentes neste campo de estudos como os conceitos de língua e dialecto, e a própria noção de variação da língua.

A descrição da metodologia utilizada no que diz respeito a selecção da amostra, administração dos inquéritos sociolinguísticos, recolha de dados, sua quantificação e a identificação das variáveis, serão tratados no Capítulo Terceiro.

O Capítulo Quarto é reservado a explicação dos aparelhos estatísticos utilizados para testar as hipóteses, a análise e interpretação dos dados e às conclusões verificadas através da interpretação dos resultados do teste estatístico aplicado.

Finalmente, o Capítulo Quinto contém as conclusões gerais de todo o trabalho efectuado com enfoque nas constatações da influência do Changana sobre o Ronga, bem como algumas recomendações.

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

O tema da dissertação é **A VARIAÇÃO FONÉTICA DO RONGA DA CIDADE DE MAPUTO: A INFLUÊNCIA CHANGANA.**

O pressuposto teórico de que a variação é reconhecida e avaliada em todas as línguas², constituiu uma das primeiras motivações para a escolha deste tema, o desejo de encontrar numa língua bantu, o Ronga, evidências do fenómeno ao nível fonético.

Durante o período colonial foram feitos estudos que, embora tratassem das línguas bantu, como algo exótico vis-a-vis as línguas europeias, constituem um ponto de referência pois, afinal foram os primeiros trabalhos publicados. Tais estudos resumiam-se à descrição dos "usos e costumes dos povos indígenas", e a produção de gramáticas e dicionários para facilitarem a comunicação entre os colonos e os moçambicanos.

Nas gramáticas, fazia-se uma "tradução" directa, ou se adaptava os fenómenos linguísticos da língua bantu ao modelo da gramática portuguesa usando, como era óbvio, a ortografia portuguesa.

² *Hymes, H. (ed.), Language in culture and Society: A Reader in Linguistics and Anthropology, op. cit., p. 389.*

Constituem obras de referência em relação ao Ronga, as gramáticas de Junod (1896, 1903), Benoit (1914), Farinha (1917), Berthoud (1920), Quintão (1915), Nogueira (1959, 1960) e, Peixe (1917).

Nos últimos anos, sobretudo após a independência, a prioridade foi para o levantamento das línguas existentes e, mais recentemente, já se notam avanços na descrição dessas línguas, em projectos ligados ao NELIMO, muitos deles ainda por publicar.

Associado às motivações já referenciadas, também havia uma percepção, de que a pronúncia dos jovens falantes de Ronga era diferente da dos adultos, daí a necessidade de identificar o tipo de fones envolvidos na variação e, verificar se tal diferença teria alguma relação com a idade e o sexo dos informantes.

Do ponto de vista sociolinguístico a cidade de Maputo pareceu, à partida, um local prenhe de fenómenos decorrentes do contacto de línguas, como consequência da convivência que os falantes têm com mais do que uma língua.

Tendo como pano de fundo o fenómeno das línguas em contacto, no qual se prevê a influência mútua dos sistemas envolvidos, o objectivo principal da dissertação é demonstrar que a diferença verificada na pronúncia de certos sons do Ronga, entre os falantes dos 15 aos 19 anos e os adultos com mais de 25 anos, homens e mulheres, é motivada pela influência do Changana.

O projecto centra-se na hipótese segundo a qual as diferenças atrás enunciadas são motivadas pelo contexto sociolinguístico da cidade, onde o contacto com o Changana motivaria tais oscilações na pronúncia dos sons.

Esta investigação situa-se no campo dos estudos sociolinguísticos mais especificamente no ramo que se dedica ao estudo da língua no seu contexto social, fazendo a distribuição de como as várias formas de falar estão organizadas na sociedade (ramo denominado por Labov e Hymes de Linguística Socialmente Realista).

Os ítems a serem tratados cobrem a parte da linguística geral que lida com a produção dos sons seu lugar e modo de articulação, a fonética articulatória.

O trabalho é de carácter descritivo e seguirá a linha de Labov, a qual prevê que a partir da identificação do conjunto de variações da comunidade poderá determinar-se a sua estruturação. Partir-se-á de grupos definidos em termos sociolinguísticos, e após a quantificação das ocorrências descrever-se-á o comportamento das variáveis.

Este tema reveste-se de grande importância numa altura em que estão em curso projectos ligados ao NELIMO e, a presente dissertação é um modesto contributo para as pesquisas das línguas bantu faladas em Moçambique³.

³ O termo "línguas bantu faladas em Moçambique", é aqui usado para referir-se às línguas que pertencendo ao grupo Bantu, são faladas no

Também estão em curso programas de ensino bilingue e neste trabalho, os técnicos pedagógicos ligados à preparação dos materiais poderão encontrar alguma informação pertinente sobre o Ronga.

1.2 SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA CIDADE DE MAPUTO

1.2.1. MAPUTO UMA COMUNIDADE DE FALA

O problema da definição do que é uma comunidade de fala, levou a que vários estudiosos se empenhassem na procura de uma definição que melhor caracterizasse a realidade que se pretendia descrever.

Contrariando a anterior visão teórica e idealizada, cedo se provou que a comunidade a ser definida, não era irreal nem hipotética mas, algo com vida onde há falantes que interagem usando a língua para realizar diversas funções da linguagem.

As primeiras tentativas de definição do conceito foram de carácter muito geral e, por isso, susceptíveis de criar ambiguidades ou deixar questões em aberto. A definição de Lyons (1970), por exemplo, foi considerada simplista por Hudson (1980) pois, de acordo com ela as comunidades de fala podiam sobrepor-se, não sendo necessária alguma unidade cultural.

território moçambicano.



Foi também proposta a unidade linguística como critério para diferenciar uma comunidade da outra, mas a realidade mostrou que, se por um lado uma língua pode ser falada em várias partes do mundo, por outro, comunidades há onde se fala mais do que uma língua numa referência às sociedades bilingues e multilingues.

É na definição de Gumperz (1962 e 1968)⁴, que encontramos o reconhecimento do facto de numa comunidade poder-se falar mais do que uma língua, e de nela haver diferenças linguísticas específicas entre os membros que a distinguem de outra comunidade.

Foi ainda considerada a possibilidade de existirem um grande número de comunidades de fala dentro de um mesmo grupo populacional.

Com efeito, Belinger (1975:333)⁵, afirma que não há limite para a forma como os homens se associam para os mais variados propósitos que têm em comum.

Um outro ponto de vista secundado por Labov (1972 b)⁶, faz um apelo às normas, considerando que os falantes compartilham algum sentimento comum acerca do comportamento linguístico na comunidade o que, no

⁴ Gumperz, J. J., *Language in Social Groups: Essays*, Stanford, Stanford University Press, 1971, p. 114.

⁵ cf. Wardhaugh, R., *An Introduction to Sociolinguistics*, U.K., Basil Blackwell, 1986, p. 121.

⁶ cf. Wardhaugh, R., *op.cit.* (nota 5), pp. 114-116.

entanto, é contestado por Milroy (1980)⁷, uma vez que, a fixação de valores sociais para os ítems linguísticos varia de comunidade para comunidade e de sub-grupo para sub-grupo.

Para Halliday (1978), a cidade, lugar da fala, é uma comunidade de fala, uma unidade heterogénea, caracterizada por uma diversidade individual e social, na qual cada indivíduo tem o seu dialecto social, e cada grupo interpreta os valores sociais da variante linguística de forma diferente dos outros grupos.

Tal como Hudson (1980) conclui, apesar da diversidade de enfoques nas definições, a comunidade de fala é vista como um conjunto de pessoas que têm algo em comum, uma língua, um dialecto; que interagem por meio da fala; e que possuem uma série de variedades e regras do seu uso, bem como uma série de atitudes para com as variantes.

Wardhaugh (1986) observa que é necessário também ter em conta as características sociais, políticas e culturais pois, ajudam a alcançar a identidade de um grupo e diferenciá-lo de outro.

⁷ *ibid.*

1.2.2 MAPUTO UMA COMUNIDADE MULTILINGUE

A situação sociolinguística de Moçambique apresenta um quadro bastante diversificado tendo, por um lado, um grande número de línguas faladas no país muitas delas ainda não recenseadas e, por outro, uma situação caracterizada por um monolinguismo dominante nas zonas rurais e um bilinguismo dominante nas zonas urbanas (Silva 1991)⁸.

É nas zonas urbanas onde se concentram grande número de pessoas das mais diversas origens, onde se cruzam culturas, línguas, religiões e, Maputo, não constitui uma excepção. Além disso, grande parte da população citadina provém do campo, fugindo da guerra, seca e outros males, procurando na cidade uma solução para os seus problemas.

Em Maputo para além do Ronga, partilham o mesmo espaço o Changana, o Português (língua oficial) e outras línguas faladas por várias comunidades moçambicanas e estrangeiras aqui fixadas.

São exemplos as comunidades makonde, makhuwa, nyungwé, sena, gitonga, xitswa e ainda indiana, paquistanesa, chinesa entre outras.

⁸ Da Silva, J.G., "Interferência e Variante Linguística. Algumas Considerações Sociolinguísticas sobre o Português Falado em Moçambique" in *Revista Internacional de Língua Portuguesa* nº 5/6, Dezembro 1991, p. 101.

Dados fornecidos pelo NELIMO (1989), reportam a existência na cidade de Maputo de mais de cem mil falantes de Ronga assim como de Changana (ver anexo II e III).

Assim a cidade é habitada por indivíduos maioritariamente bilingues de língua bantu e Português, ou seja o falante de língua bantu para poder sobreviver necessita de falar o Português, a língua de prestígio e de ascensão social.

Maputo é assim uma cidade multilingue, isto é, fala-se nela mais do que uma língua, sendo a maior parte dos seus falantes bilingues de língua bantu e Português.

Todavia, neste tipo de comunidade, ocorrem outros fenómenos como é o da especialização das línguas para servir determinadas funções na sociedade, situação a ser abordada em seguida.

1.2.3. MAPUTO UMA COMUNIDADE DIGLÓSSICA

Um outro fenómeno que caracteriza a cidade do Maputo é o da distribuição complementar e funcional das línguas - DIGLOSSIA. Embora as noções de bilinguismo e diglossia remetam para a existência de duas línguas, há uma necessidade de distinguí-los, mesmo porque são conceitos distintos.

Para Fishman (1967)⁹, o bilinguismo é um assunto para psicólogos e psicolinguistas pois, refere-se a habilidade de usar mais do que uma língua enquanto que, diglossia é uma questão para os sociólogos e sociolinguistas, uma vez que, tem a ver com a distribuição das variedades de língua para servir diferentes tarefas da comunicação numa sociedade. O termo diglossia, foi usado pela primeira vez por Ferguson (1959), para retratar a situação em que duas ou mais variantes distintas da mesma língua, eram usadas numa mesma comunidade com funções complementares, sendo uma considerada baixa e a outra alta.

Ferguson resumia assim um estudo feito em quatro comunidades grega, árabe, suíça e haitiana, onde diversos critérios (histórico, religioso, político) tornavam umas variantes altas em relação às outras.

No mundo árabe, por exemplo a variante alta é o árabe clássico apenas usado no contexto religioso, é a língua do alcorão, e a baixa são as formas coloquiais.

Fishman (1967), retomando o conceito de diglossia de Ferguson (op.cit.) operacionaliza-o e alarga a sua extensão, considerando que a diglossia não era apenas o uso de duas variantes, mas podia também ser uso de duas línguas com fins complementares.

⁹ cf. Wardhaugh, *An Introduction to Sociolinguistics*, op.cit., p. 40.

Fishman apresenta um quadro tipológico da relação entre o bilinguismo e diglossia em que são identificadas quatro situações:

i. **DIGLOSSIA COM BILINGUISMO**- os indivíduos conhecem as duas línguas a alta e a baixa e, as duas estão distribuídas complementarmente.

ii. **DIGLOSSIA SEM BILINGUISMO**- aqui há dois grupos distintos na mesma comunidade e, cada um deles fala a sua língua, isto é, um grupo fala exclusivamente a língua alta e o outro a baixa.

No entanto, Wardhaugh (op.cit.)¹⁰, considera que uma sociedade deste tipo não é uma comunidade de fala, uma vez que, os dois grupos não interagem excepto no mínimo através do uso de intérpretes ou de uma língua pidgin.

iii. **BILINGUISMO SEM DIGLOSSIA**- os falantes são bilingues mas as línguas não têm funções complementares.

iv. **NEM BILINGUISMO NEM DIGLOSSIA**- situação difícil de exemplificar pois no mínimo requereria comunidades muito pequenas e isoladas.

¹⁰ *id, ibid. p. 41.*

Os pontos de Ferguson e Fishman, divergem no facto de o primeiro restringir o seu conceito à relação entre a língua padrão e os dialectos e o segundo estendê-lo às línguas, todavia, para ambos diglossia é sinónimo de distribuição funcional das línguas na sociedade:

Platt (1977)¹¹, levanta outra questão que diz respeito a situações mais complexas que as primeiras- a da poliglossia- um tipo de "diglossia" que envolve mais do que duas variedades de língua, tendo assim identificado três tipos de situações:

i. DIGLOSSIA DUPLA SOBREPOSTA- observa-se na Tanzania onde há uma intersecção de "diglossias" uma envolvendo o Swahili e línguas vernaculares¹² e outra o Swahili e o Inglês.

Nestes dois sistemas diglósicos o Swahili é a língua alta em relação às outras línguas vernaculares e baixa em relação ao Inglês.

ii. DIGLOSSIA DUPLA ENCAIXADA- na Índia o Hindi e o Khalapur são variedades faladas numa vila rural do norte de Delhi , Khalapur, descrita por Gumperz (1964).

¹¹ *id, ibid. pp. 44- 50.*

¹² *Para o conceito de língua vernacular cf. Wardhaugh, R., op.cit. p. 25.*

O quadro diglótico desta comunidade apresenta o Hindi como variedade alta e o Khalapur como baixa. No entanto, dentro desta, há duas sub-variedades: o "moli boli", usada em relações informais e o "saf boli" para a fala cuidada, relações menos íntimas e de respeito pelos mais velhos. É uma situação de duas pequenas diglossias dentro de uma grande diglossia.

iii. **POLIGLOSSIA LINEAR**- passa-se na Singapura e na Malásia onde os pares de diglossia, línguas chinesas dominantes versus não dominantes, o Inglês formal versus Inglês coloquial, o padrão versus "bazaar Malay", estão dispostos de maneira a que, a forma baixa de alguma língua seja mais alta do que a forma alta da língua seguinte na série.

Estas línguas formam um complexo modelo diglótico incluindo uma ou mais variedades altas, médias e baixas¹³.

Posto isto, crê-se que Maputo é uma comunidade diglótica nos termos definidos por Fishman (op.cit.), em que, o Português ocupa o lugar de língua alta e as outras línguas (bantu) o de língua baixa.

Aplicando o modelo do mesmo autor considerar-se-ia a situação de diglossia com bilinguismo uma vez que, grande parte da população urbana é bilingue de Português e língua bantu, línguas que desempenham funções distintas na comunidade. Maputo, ou até o país inteiro, é uma urbe onde as línguas estão distribuídas complementarmente, com o Português associado às

¹³ cf. Wardhaugh, "An Introduction...", op. cit, p. 48.

situações formais, imprensa e ensino e, as línguas bantu e outras reservadas aos contextos informais, família, amigos e religião.

Todavia, fixando nas línguas bantu verifica-se que o Changana é a língua que, por razões políticas ou outras, vai ocupando gradualmente um lugar de destaque em relação às outras faladas na cidade.

Está presente no ensino superior (nos cursos de Linguística e História), em alguns meios de comunicação (rádio e televisão RTK), em projectos de ensino bilingue e nos cultos religiosos através das leituras bíblicas.

Diante deste quadro poder-se-á esperar, num futuro ainda distante, que ocorra dentro da cidade de Maputo, uma situação de poliglossia onde por um lado, ter-se-ia uma diglossia envolvendo o Português e as línguas bantu (no seu conjunto) sendo a primeira a língua alta e as últimas representando a variante baixa e, dentro destas, o Changana com o estatuto de variante alta em relação às outras línguas bantu. Crê-se, no entanto que, haverá fenómenos linguísticos previsíveis como é o caso da direcção de uma mudança linguística, mas a fixação de uma dada variante como alta passa naturalmente por processos de institucionalização e normatização e por aspectos sociais ligados ao comportamento dos falantes e a dinâmica da vida dentro da comunidade, não previsíveis. A cidade de Maputo é, pois, uma comunidade de fala multilingue, caracterizada por um bilinguismo dominante, e onde as línguas estão distribuídas complementarmente de acordo com uma função.

CAPÍTULO II

Neste capítulo apresentam-se os desenvolvimentos científicos nos estudos da variação desde a chamada dialectologia clássica, passando pelo nascimento da sociolinguística até se chegar aos actuais estudos da dialectologia urbana.

Pretende-se mostrar que foi o desenvolvimento da linguística estruturalista, da dialectologia e ainda dos estudos das línguas em contacto que forneceram o "input" para o surgimento de novas áreas de estudo na linguística, e, abriram o caminho para aquela que veio a transformar-se numa das grandes áreas de pesquisas dentro da sociolinguística, a variação da língua.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Na dialectologia clássica, a comunidade de fala era vista como uma unidade homogénea em que os seus membros se comunicavam uns com os outros de igual modo.

Chomsky (1965)¹⁴, partilha deste ponto de vista ao considerar ideal uma comunidade deste tipo. Neste modelo, a variação apenas se verificava de uma comunidade para outra.

Investigações mais recentes que tiveram as suas raízes na linguística estruturalista, na dialectologia e nos estudos das línguas em contacto, provaram que a fala não é regulada apenas pelas regras gramaticais pois, havia uma relação entre a língua e a estrutura social¹⁵.

Nascia assim uma ciência, a sociolinguística, que tem por objectivo estudar os pontos de contacto entre as regras da língua e a sociedade, e explicar como é que as alternativas que a língua oferece são escolhidas pelos diferentes grupos sociais, (Hudson 1980:3).

Abandonada a anterior visão a-social da língua, entendia-se que a língua, não só, comunica informações como também, através dela podem-se estabelecer, manter e romper relações, ter uma ideia sobre a origem, classe social, "background" e atitudes do interlocutor, Gumperz (1971).

Labov (1966), constitui um marco importante nos estudos da dialectologia urbana, ao demonstrar através do estudo do Inglês de Nova York que, a língua não é estática, ela varia não só, de indivíduo para indivíduo como também numa única pessoa- cada indivíduo é o único na sua individualidade.

¹⁴ cf. Wardhaugh, "An Introduction..." *op. cit.*, p. 113.

¹⁵ Gumperz, J.J., *Language in Social Groups: Essays, op.cit.*, p. 115.

De facto, na comunicação diária, os falantes fazem uso das várias possibilidades que a língua oferece, pronunciando e fazendo escolhas morfológicas e sintáticas de modo diferente uns dos outros sem, contudo, violar a norma uma vez que, a variação está intrínseca no sistema, Halliday (1978:155).

Após o estudo de Labov, as pesquisas viraram-se para a procura de evidências empíricas nas diversas línguas e variedades de língua, testando a aplicabilidade do modelo de Labov noutro tipo de comunidades diferentes da americana.

Romaine (1982), reporta a existência nas pesquisas sociolinguísticas "pós-Labovianas", caracterizadas por uma tentativa de rotura com a metodologia de Labov, de tendências inovadoras na análise do uso e função da variação numa série de comunidades, reconhecidamente diferentes da americana, isto é, já não são organizadas sociolinguisticamente da mesma maneira que foi descrita a cidade de Nova York.

Sabe-se que as comunidades distinguem-se umas das outras pela forma como se organizam e, por isso, ^Bumas a variação está relacionada com a classe ou com a posição social, noutras com o nível educacional e noutras ainda com factores de ordem cultural.

Pesquisas recentes, dedicam especial atenção a aspectos da metodologia e teoria sociolinguística tais como, o papel do indivíduo, os problemas da quantificação e análise de variáveis e a integração de factores sociais dentro da descrição linguística.

Com o avanço dos estudos muitos problemas se resolvem, alguns permanecem e outros nascem. Uma das grandes dificuldades é a própria delimitação dos conceitos de língua, dialecto, variedade e muitos outros, resultante dos inúmeros pontos de vista divergentes em relação a sua definição.

Parece claro que todas as pessoas sabem que falam uma língua e, que não têm dúvidas em afirmar que um determinado texto está escrito na língua X ou Y, no entanto, há a consciência de que se se perguntar a alguém que língua fala, aparecerão as mais diversas respostas conforme o sentimento do indivíduo em relação ao seu código, se ele o classifica como uma língua ou dialecto.

Em relação a esta problemática as opiniões divergem na caracterização dos conceitos ou nos métodos para distinguir uma língua da outra, uma língua de um dialecto, um dialecto de outro.

2.1. LÍNGUA E DIALECTO

Vários são os momentos em que há que decidir entre o que é uma língua e um dialecto, qual a diferença entre eles e, que critérios usar para determinar se uma variedade é uma língua ou dialecto de uma língua. De facto, língua e dialecto são conceitos problemáticos que tiveram várias conotações ao longo dos tempos.

Sabe-se, por exemplo, que uma das marcas administrativas do colonialismo (linguístico), era a interdição do uso das línguas locais em benefício da língua do colonizador, passando a chamá-las de dialectos no sentido pejorativo do termo como resultado da política de assimilação, no caso de Moçambique.

Assim, falar o que se considerava dialecto era o sinónimo de ser indígena, não civilizado, que não adquiriu os hábitos ocidentais e, falar a língua do colonizador significava civilização.

Para o francês, o termo dialecto refere-se a uma variedade regional associada a uma tradição literária por oposição ao "patois" que não a tem, enquanto que o Inglês adopta o termo dialecto para referir-se às variedades locais do Inglês ¹⁶.

¹⁶ cf. *Wardhaugh, "An Introduction..." op. cit., p. 25.*

Ao longo dos estudos científicos sobre língua, sugeriram-se critérios para o estabelecimento de fronteiras entre as línguas e entre estas e os dialectos, tendo sido identificados critérios linguísticos e não linguísticos.

Os critérios linguísticos que incluem determinadas propriedades inerentes às línguas, revelaram-se pouco apropriados se não se tiverem em conta outros factores.

A mútua inteligibilidade, critério através do qual variedades são consideradas ou não instâncias da mesma língua, se os seus falantes se entendem, mostrou-se ineficaz uma vez que, segundo Hudson (1980) existe um "continuum" linguístico e, cada par de variedades adjacentes são mutuamente inteligíveis.

Quer isto dizer que não há fronteiras rígidas entre as línguas pois, não é possível determinar onde termina uma língua e começa outra, apesar de ser observável que as características linguísticas mudam gradualmente de lugar para lugar Trudgill (1974:15). Além disso, Hudson (1980), acrescenta que a mútua inteligibilidade é uma relação entre pessoas e não entre línguas pois, são elas que se entendem umas com as outras, facto que depende das pessoas envolvidas, suas motivações e experiência e ainda de factores extralinguísticos.

A importância dos factores não linguísticos, reside no facto de se ter verificado que no mundo outras razões são levadas em conta na fixação de uma variedade como língua ou dialecto.

Existem línguas semelhantes a determinados níveis (gramatical, lexical, fonético, fonológico) que, no entanto são consideradas línguas discretas por razões políticas, culturais ou religiosas. Na Índia, por exemplo, razões políticas, a independência, religiosas e económicas transformaram o Hindi em língua de ensino e o urdu, uma língua idêntica ao Hindi com certas diferenças, em língua do comércio e popular.

Segundo Wardhaugh (op.cit.), existem outros critérios que pecam pela tentativa de rotular os diversos tipos de sistemas de comunicação, o que não reduz as dificuldades dada a diversidade de situações existentes no mundo inteiro.

Um dos critérios é a standardização que tem a ver com a codificação envolvendo a produção de gramáticas e dicionários e, em certos casos a literatura. No entanto ela pode ter uma função unificadora ou separatista e pode ser deliberada por razões políticas, uma vez que ela é acompanhada de uma institucionalização.

Quer parecer que para a sociolinguística o conceito chave é o de variedade. Hudson (1980:37), conclui a propósito, que a noção de língua não tem lugar na sociolinguística e muito menos na linguística o que se necessita é da noção de variedade X.

E o que é então a variedade?

Numa análise das definições apresentadas por Hudson (1980:24) e Ferguson (1971:31), Wardhaugh (1986), considerou pontos importantes o facto de a variedade ser definida em termos de ítems linguísticos aos quais se associam factores externos, isto é, para a delimitação de fronteiras entre as variedades se deverá ter em conta não só, as propriedades linguísticas como também, factores sociais, atitudes e significados sociais.

Wardhaugh, conclui que o dialecto é uma variedade subordinada da língua, e esta um termo super-ordenado que pode incluir vários dialectos.

Deste modo, o dialecto não pode ser visto como algo fora da língua e inferior, aliás Trudgill (1974:20) revela que todas as línguas e todas as variedades estão estruturadas de acordo com as necessidades dos seus utentes e, alguma inferioridade aparente reflecte a estrutura da sociedade.

Neste sentido a definição de língua apresentada por Prett (1977) tem razão de ser para a sociolinguística:

"Neste sentido, pois, entendemos por língua qualquer conjunto de variedades que são sentidas pelos membros de uma comunidade como formas várias de uma entidade única fundada numa tradição comum".

Adoptar-se-á o termo dialecto para referir a forma distinta de falar de um determinado grupo de pessoas que tal como Gregory e Carroll (1978) afirmam pode variar ao longo do tempo (dialecto temporal), com o espaço (dialecto geográfico ou regional) e de acordo com os grupos sociais (dialecto social).

2.2. VARIAÇÃO DA LÍNGUA

A língua é uma propriedade tanto individual como social. Esta é uma pequena frase frequente nos estudos sociolinguísticos, particularmente na área da variação da língua. Na verdade cada um dos falantes ao comunicar-se, transmite as suas emoções e pensamentos de uma forma que lhe é peculiar. Esta actividade por sua vez circunscreve-se dentro do que é estabelecido como um "modus vivendi" na comunidade a que pertence. Através da língua o indivíduo não só, manifesta a sua experiência do mundo real e do seu próprio mundo interior (função ideacional)¹⁷ como também, interage com outros indivíduos ou grupos sociais (função interpessoal)¹⁸.

¹⁷ Halliday, M.A.K., "Estrutura e função da linguagem", in Lyons, J., *Novos Horizontes em Linguística*, London, Penguin Books, 1970, pp. 134-137.

¹⁸ *id. ibid.*

Pressupõe-se que, se por um lado, existe uma relação entre a língua e a estrutura social, existirão por outro, normas sobre a apropriatividade das alternativas linguisticamente aceitáveis e sua relação com as regras da apropriatividade social, Gumperz (1971).

Pretende-se com isto dizer que, o uso da língua variará de utente para utente e de grupo para grupo, facto que é observável nas várias maneiras de formular um pedido ou dar uma ordem, no modo diferente com se dirige a uma criança, adulto, superior ou subordinado conforme a relação entre os interlocutores, na diferença de pronúncia dos sons e palavras e na forma como cada grupo social interpreta os valores sociais da variante linguística (o que para um grupo é uma forma de prestígio pode não sê-lo para outro).

A primeira questão que se levanta é a definição de grupo social.

Vários são os factores levados em conta como a profissão, religião, raça, rendimento económico, grau de escolaridade, local de residência, entre outros.

No entanto, a determinação dos grupos sociais com base nestes ítems varia de comunidade para comunidade. Segundo Gregory e Carroll (1978), na Índia onde a sociedade está dividida em castas, são estas que tradicionalmente marcam tal distinção, enquanto que, para os britânicos ser membro de determinado grupo social é uma questão de berço associado à profissão.

A questão levanta-se quando se verifica que há diferenças nos hábitos linguísticos dos diversos grupos sociais que compõem a comunidade, e na forma de falar de cada elemento dessa comunidade .

Gregory e Carrol (1978), afirmam que, a variação dentro do idelecto (a forma de falar de um indivíduo), também reflecte o desenvolvimento individual, a forma como ele aprende a sua própria língua e outras (L2, L3...) e, neste caso a fala estará sujeita a influências.

Todavia, a variação ocorre dentro de limites conhecidos pelos seus utentes, o que pressupõe que compartilhem do mesmo conjunto de regras de funcionamento da língua.

Em termos práticos isto significa que o falante fará as suas escolhas das infinitas alternativas que a língua oferece dentro dos limites acordados.

O conceito de norma é muitas vezes associado ao bom falar e este por sua vez à fala da classe alta, ao dialecto padrão.

Labov (1972 b)¹⁹, demonstrou que na classe média baixa americana havia uma tendência para aplicação da norma , através do uso de formas de prestígio nos contextos formais que, resultava na ultrapassagem da norma, uma espécie de exagero a que chamou de hipercorreção.

No entanto, as normas elas próprias também não são estáticas, estão sujeitas a variação e, não são exclusivamente linguísticas.

¹⁹ cf. Gregory, M., Carroll, S., *Language and Situation...*, Boston, Routledge and Kegan Paul, 1978.

Do ponto de vista fonético, considera-se que actividade articulatória pode ser influenciada pela forma e tamanho do tracto vocálico, pelos hábitos articulatórios individuais, pelo ambiente social, e pelo estado emocional do indivíduo.

Clark e Yallop (1990:118), observam que em muitos casos os chamados traços paralinguísticos, contribuem significativamente para a variabilidade na articulação, tanto dentro da fala de um indivíduo, como de um falante para outro.

Entende-se por traços paralinguísticos, os factores afectivos como o medo, a ansiedade, a irritação e outros que não sejam linguísticos que afectam a actividade articulatória, como sejam o esforço que o falante faz para se fazer entender, ou quando fala numa ocasião formal onde forçará mais os articuladores que na fala casual. Condições ligadas ao contexto fonético e fonológico também influenciam a produção dos sons.

Enquanto que no primeiro caso é a articulação dos segmentos individuais que é influenciada pelos segmentos vizinhos, no segundo caso existem normas e padrões fonológicos que determinam a natureza da fala denominadas de condições fonológicas.

Resumindo, foi aqui abordada a variação do ponto de vista social e individual, tendo presente que, a diversidade dos grupos sociais, pressupõe a existência de variedades de língua correspondentes; as características individuais dos falantes conferem ao falante uma forma própria de falar.

Teceram-se algumas considerações acerca das fronteiras da variação, o que remete para o conceito de norma, este também variável.

Contudo, continua válido que a variação é um fenómeno observável em todas as línguas e a todos níveis de análise.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

A metodologia usada nas pesquisas sobre variação linguística, tem conhecido avanços significativos desde o trabalho de Labov (1966).

Este estudo constituiu um ponto de viragem, pelo seu carácter inovador no que respeita à metodologia, se tivermos em linha de conta que, os investigadores seguidores de Saussure tentaram abordar o aspecto social da língua, através da observação de falantes individuais nos seus gabinetes, ou utilizando o seu próprio conhecimento da língua.

A introdução de novos procedimentos de selecção da amostra (todos com igual oportunidade), novas técnicas de eliciação de dados (o informante não se dá conta de ser objecto de estudo), novos processos de tratamento de dados (métodos de medição quantitativos), levou a que maior atenção fosse dada à maneira de estudar o uso da língua e a estrutura social, de modo a que os falantes objecto da investigação, não só, constituam a parte representativa da população alvo, como também, que os resultados reflectam o comportamento linguístico da comunidade em estudo.

Embora, estudos mais recentes tenham revelado a existência de insuficiências metodológicas quanto a aplicação dos métodos de Labov, em comunidades consideradas sociolinguisticamente diferentes da descrita por Labov (1966)²⁰, adoptar-se-á a sua perspectiva, no que respeita ao tratamento dos dados, assim resumida:

- a) Isolamento da variável fonética
- b) Contagem do número de variantes
- c) Quantificação dos resultados (em termos de percentagem)
- d) Demonstração da co-variação entre os grupos e os parâmetros sociais.

Para a alínea a), propõe-se, o uso de medidas de distância de línguas propostas por Gumperz (1971:233). Estas medidas incluem entre outras técnicas, o estudo da performance do indivíduo onde traços de pronúncia (gramática e léxico) podem ser atribuídas à influência de uma outra língua. A técnica da comparação interlíngua, que consiste na confrontação de dois sistemas fonéticos, permite determinar os pontos de diferença e semelhança entre as duas línguas, e partir delas interpretar as variáveis identificadas e chegar a conclusões sobre a influência de traços dos sons do Changana no Ronga.

²⁰ cf. Suzanne, R. (ed.), *op. cit.* (nota 1), p. 3.

Com vista a atingir o objectivo deste trabalho, que é o estudo da variação dos sons da língua Ronga da cidade de Maputo bem como a sua relação com a idade e o sexo dos informantes, a investigação teve as seguintes etapas:

- selecção dos falantes (constituição da amostra)
- recolha dos dados
- identificação das variáveis linguísticas e suas variantes
- processamento dos dados

3.1. SELECÇÃO DOS FALANTES

O estudo abrange uma população constituída por falantes da língua Ronga, homens e mulheres, residentes na cidade de Maputo com idade superior a quinze anos.

A esta população foi administrado um inquérito sociolinguístico, (ver anexo IV) através do qual se obteve uma amostra de falantes de Ronga como língua materna, filhos de pai e mãe Rongas e nascidos na província de Maputo.

O inquérito tinha como objectivos fornecer elementos sobre:

- 1) a língua materna, importante para a constituição da amostra;
- 2) a idade ou o grupo etário e o sexo, elementos indispensáveis uma vez, que se pretendia avaliar a relação entre as variáveis com a idade e o sexo;
- 3) o conhecimento de outras línguas, o grau do seu domínio importantes para questões ligadas a influência de uma língua sobre outra;
- 4) os contextos em que cada língua é usada o que permite inferir sobre a distribuição de funções das línguas na comunidade.

Dado que se pretendia trabalhar com uma amostra representativa de jovens dos quinze aos vinte anos, grupo alvo de estudo, e outra de adultos com mais de vinte anos, que forneceriam o que se consideraria o bem falar "norma", o inquérito foi administrado em duas fases.

Na primeira fase, contactaram-se falantes adultos nos seus locais de residência, de trabalho ou solicitados a casa do estudante, tendo antes sido interrogados se eram ou não falantes da língua Ronga.

Os outros requisitos para a constituição da amostra, foram encontrados através da conversa desenvolvida ao longo do preenchimento do inquérito sociolinguístico.

Na segunda fase, para constituição da amostra dos jovens, solicitaram-se estudantes da escola Secundária de Lhanguene situada nos arredores de Maputo (Bairro do Chamanculo C), onde se supõe que a maioria dos habitantes fala Ronga. A escolha desta escola, deveu-se também ao facto de ela receber alunos tanto da zona urbana como dos bairros circunvizinhos e ainda dos bairros da Matola, Infulene, Benfica, Zona Verde, Liberdade, e outros.

Aos alunos foi administrado o mesmo questionário sociolinguístico constituindo-se assim uma amostra de vinte falantes, dez rapazes e dez raparigas, somando ao todo vinte e seis informantes jovens e adultos.

Uma vez que se pretendia estudar a influência do Changana no Ronga, foram necessários três falantes de Changana como língua materna e, filhos de pai e mãe Changanas.

3.1.1. RESULTADOS DO INQUÉRITO SOCIOLINGUÍSTICO

Dos cerca de 35 alunos que responderam à solicitação através de uma convocatória feita pela escola e posta a circular pelas turmas, apenas 28 reuniam condições para responder ao questionário. Desses 28, foram excluídos da análise dois por terem dado informações pouco claras na pergunta sobre a língua materna, afirmando que tinham duas línguas maternas, Ronga e Changana.

Num dos casos o Changana era a língua da mãe e o pai falava Ronga e, noutro o aluno tinha nascido e vivido em Inhambane, tendo vindo a Maputo com aproximadamente oito anos de idade. Quatro declararam ser falantes da língua Ronga, mas tendo pais falantes de outras línguas como bitonga, chope e xitswa. E dois por desistência.

Em relação ao conhecimento de outras línguas para além do Ronga dois afirmaram falar bem o Changana, seis no nível suficiente, e doze só percebem.

Nos adultos não houve dificuldades em descobrir a língua materna e, em relação à outras línguas apenas um indivíduo não fala Português, e todos eles disseram que não falavam Changana, apenas percebem e conseguem conversar cada um na sua língua.

No que diz respeito a distribuição das línguas de acordo com o contexto, 75% dos jovens usam Português e Ronga em casa, 70% com os amigos, 15% na escola, 50% na igreja, 75% com outros parentes e 10% declaram usar apenas o Ronga em casa.

O Português, tem a sua percentagem distribuída em 10% para o ambiente familiar da casa (como meio de comunicação entre pais filhos e irmãos), e 75% para escola.

Os inquiridos em termos de local de residência estavam assim distribuídos: Maputo (cidade)- 6; B° T3- 2; B° Luís Cabral- 1; Infulene- 1; B° 25 de Junho- 2; Chamanculo- 5; Xipamanine- 2; Ndlavela- 1.

3.2. RECOLHA DOS DADOS

Constituída a amostra, seguiu-se a fase da recolha dos dados. Numa lista de 240 palavras de vocabulário básico (ver anexos), pedia-se ao informante que as pronunciasse na sua língua materna. A lista foi elaborada com base numa outra já usada pelo NELIMO, projecto 001, versão revista e melhorada.

O objectivo de usar uma lista com tamanho número de palavras era de alargar as possibilidades de detectar os fenómenos linguísticos a serem analisados.

A pronúncia era registada em fita magnética por meio de um gravador, ao mesmo tempo que se fazia a transcrição em IPA (Alfabeto Fonético Internacional) em fichas preparadas para o efeito.

3.3. IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS

Após a recolha dos dados seguiu-se a comparação das listas dos dois grupos, jovens e adultos respectivamente, com vista a detectar os sons que seriam classificados como variáveis dependentes. No sentido de Trudgill (1980), a variável dependente seria a unidade (fonética) com uma ou mais variantes, envolvidas numa co-variação com outras variáveis sociais e/ou linguísticas.

3.3.1. Assim, verificou-se que no lugar dos contóides²¹ africados vibrantes alveolares retroflexos surdo e sonoro [tɽ] e [dɽ] usadas pelos adultos, na fala dos jovens ocorrem as africados alveolares surdo e sonoro [ts] e [dz] respectivamente. O mesmo acontecendo com o fricativo alveolar retroflexo [ɺ] que é do mesmo modo substituído pela fricativo alveolar sonoro [z] na fala dos jovens.

Segundo a notação de Hudson (1980) colocar-se-ão entre parênteses curvos, a variável dependente e a sua pronúncia em parênteses rectos:

(tɽ): [tɽ] (dɽ): [dɽ] (ɺ): [ɺ]
 [ts] [dz] [z]

²¹ *Emprega-se o termo contóide para designar a caracterização fonética de consoante, este último reservado ao sentido fonológico.*

Apresenta-se em seguida as palavras que ilustram os casos apresentados. Chamar-se-á de sistema 1 (S1) a variante dos adultos e sistema dois (S2) a variante do indivíduos dos 15 aos 19 anos e S3 ao Changana.

	S1	S2	S3
1- 'criança'	[tʃɔŋgwana]	[tsoŋgwana]	[ʃinʷanana]
2- 'corpo'	[mi:zɪ]	[mi:zi]	[mi:rʰi]
3- 'bochecha'	[zɑ:ma]	[za:ma]	[rʰɑ:ma]
4- 'língua'	[lidʒi:mi]	[lidzi:mi]	[li:ɟimi]
5- 'saliva'	[ma:zɪ]	[ma:zi]	[marʰi]
6- 'barriga'	[kʰu:zi]	[kʰu:zi]	[kwirʰi]
7- 'nádega'	[ʁa:ku]	[za:ku]	[rʰɑku]
8- 'joelho'	[tʃɔ:lo]	[tso:b]	[tso:lo]
9- 'pé'	[ŋko:ndʒo]	[ŋko:dzo]	[ŋko:ndzo]
10- 'fígado'	[ʃiɪndʒi]	[ʃiɪndzi]	[ʃiɪndzi]
11- 'sede'	[to:zɑ]	[to:za]	[to:rʰɑ]
12- 'barco'	[bʷɑ:tʃu]/	[bo:ti]	[bo:ti]
	[bo:ti]		
13- 'animal'	[ʃihazɪ]	[ʃihazi]	[ʃiharʰi]
14- 'ovo'	[ta:ndʒɑ]	[ta:ndza]	[ta:ndza]
15- 'pedra'	[zi:bʷe]	[zi:bʷe]	[rigwe]
16- 'fruto'	[handʃu]	[handzu]	[handzu]

	S1	S2	S3
17- 'raíz'	[limitʁu]	[limitsu]	[limitsu]
18- 'cadeira'	[ʃitʁamu]	[ʃitsamu]	[ʃitulu]
19- 'frio'	[ʃiʁa:mi]	[ʃiza:mi]	[ʃi ^h a:mi]
20- 'amanhã'	[mundʁuku]	[mundzuku]	[mundzuku]
21- 'remédio'	[mu:ʒi]	[mu:zi]	[mu:ɾi]
22- 'ferida'	[ʃilondra]	[ʃilondza]	[ʃilondza]
23- 'pequeno'	[ʃitʁoŋgo]	[ʃitsoŋgo]	[ʃitsoŋgo]
23- 'pouco'	[ʃitʁoŋgo]	[ʃitsoŋgo]	[ʃitsoŋgo]
24- 'dois'	[bi:dʁi]	[bi:dzi]	[mbi:ɾi]
25- 'três'	[ʒa:ʒu]	[za:zu]	[na:ɾu]
26- 'chorar'	[kudʁila]	[kudzila]	[kuɾila]
27- 'sentar'	[kutʁama]	[kutsama]	[kutsama]
28- 'correr'	[kutʁutʁuma]	[kutsutsuma]/	[kutsutsuma]
		[kupanda]	
29- 'furar'	[kutʁuɲa]	[kutsuɲa]	[kubʃa]
30- 'cortar'	[kutʁema]	[kutsema]	[kutsema]
31- 'quebrar'	[kutʁoʋa]	[kutsoʋa]	[kutsoʋa]
32- 'arder'	[kupfuza]	[kupfuza]	[ku pfu ^h a]
33- 'cultivar'	[kudʁima]	[kudzima]	[kurima]
34- 'colher'	[kutʁoʋela]	[kutsoʋela]	[kutsoʋela]
35- 'chifre'	[limo:ndʁo]	[limo:ndzo]	[limo:ndzo]
36- 'osso'	[ʒambu]	[zambu]	[r ^h ambu]

3.3.2. Identificaram-se também casos de palavras que ocorriam na fala dos dois grupos etários, sendo a primeira considerada pertencente ao Ronga 'norma'.

i) 'guerra' [jimpi]

[jimpi]

ii) 'rapariga' [n^wɔɲana]

[naɲana]

iii) 'filho' [βana]

[ʋana]

No caso (i) trata-se da alternância entre um semi-vocóide palatal e um nasal palatal. De notar que a primeira forma é rara na fala dos mais jovens enquanto que os adultos usam uma e outra.

Em (ii) os adultos como nos jovens alternam o nasal alveolar e o nasal alveolar labializado sendo [n^w] menos frequente nos jovens.

Em relação a (iii) ao contrário do caso (i), a primeira forma apenas ocorre em alguns adultos com mais de 40 anos, e a segunda é a que aparece tanto num grupo como noutro.

Nos três casos descritos a primeira forma representa a variante de Ronga dos adultos aqui considerado o padrão e a segunda a variante dos falantes dos 15 aos 19 anos.

3.3.3. Houve casos de palavras lexicalizadas no Ronga pela via do empréstimo como 'paratu' para prato; 'jinela' para janela; 'copo' para copo (todos do Português prato, janela e copo); 'boti' para barco (do Inglês "boat").

A distinção coxa, 'perna' e 'pé' criou algumas dificuldades maiores nos falantes mais jovens que apenas conhecem um termo para as três partes enquanto que os adultos conhecem pelo menos dois e até três embora, a maior parte use um termo da língua Changana para designar coxa "thanga". Para os objectivos do trabalho apenas tratar-se-á das situações descritas em 3.3.1. e 3.3.2: uma vez que, não é objectivo deste projecto abordar a problemática dos empréstimos.

Pode-se dizer que em face dos dados disponíveis, os casos que parecem pertinentes e a serem objecto de análise são:

- o uso dos fones [-retroflexos] na pronúncia dos jovens por oposição aos adultos que mantêm a retroflexão;
- a ocorrência de sons flutuando nos dois grupos num aparente caso de influência Changana, dado que o segundo termo pertence a essa língua e;
- a ocorrência do fricativo bilabial surdo apenas nalguns indivíduos adultos versus o uso do fricativo labiodental brando no mesmo contexto tanto nos falantes adultos como nos jovens.

CAPÍTULO IV

Ao longo deste capítulo far-se-á a análise dos dados que incluirá a formulação das hipóteses, seguindo-se a discussão dos dados com base nos resultados dos testes aplicados.

Discussão dos dados será feita sob dois pontos de vista, do contacto de línguas e fonético, com enfoque no primeiro, uma vez que, se pretende inferir algo sobre a influência do Changana no Ronga.

Para interpretação dos dados, nalguns casos recorrer-se-á a conceitos da fonologia, apesar de a investigação situar-se no nível fonético pois, como se sabe estas duas ciências estão interligadas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Após a recolha dos dados e identificadas as variáveis, neste capítulo proceder-se-á a análise dos mesmos através de procedimentos matemáticos que servirão de meio para o cálculo da percentagem, através da qual avaliar-se-á o comportamento das variáveis em estudo.

Usar-se-ão métodos estatísticos para testar as hipóteses, para determinar se a diferença entre a pronúncia dos falantes dos 15 aos 19 anos e dos informantes com mais de 25 anos, homens e mulheres será estatisticamente significativa de forma a provar a sua relação com a idade e o sexo dos falantes.

Do levantamento feito verifica-se que o número de ocorrências esperadas tendo em conta que havia um total de 20 falantes dos 15 aos 19 anos e 6 com mais de 25 anos, era de:

	Jovens	Adultos
(tʃ)	260	78
(dʃ)	240	72
(z)	260	78

Apresenta-se no quadro que se segue em termos percentuais a diferença de pronúncia entre os dois grupos. Do lado esquerdo o valor da frequência observada e à direita a respectiva percentagem.

A percentagem foi calculada partindo do princípio de que o valor da frequência esperada acima dada, representa os cem por cento.

Pronúncia	15-19 anos	26 e mais
[tʃ]	72 / 27.7%	74 / 94.9%
[ts]	151 / 58%	-
[dʒ]	62 / 25.8%	72 / 100%
[dz]	142 / 59.1%	-
[ʒ]	73 / 20.1%	73 / 93.6%
[z]	198 / 76.2%	-

Tabela 1- Percentagens das ocorrências observadas

Como se deve notar regista-se no grupo dos 15 aos 19 anos uma maior percentagem de produção de sons com o traço [- retroflexo] e, no grupo dos adultos a percentagem alta vai para os fones [+ retroflexos].

Parece pois, que a tendência é de os jovens preferirem sons mais simplificados enquanto que os adultos mantêm aquele traço uma vez que estes representam o bem falar.

4.1. TESTE DE HIPÓTESES

4.1.1. LÍNGUA E IDADE

Um dos objectivos é estudar a relação que os ítems linguísticos têm com as categorias sociais, idade e a sexo dos informantes.

Assim para verificar se haveria uma diferença significativa na pronúncia dos sons entre um grupo e outro foram formuladas as seguintes hipóteses:

Hipótese nula (H₀)- Não há diferença estatisticamente significativa na produção dos sons (tʃ, dʃ, z) entre os falantes dos 15 aos 19 anos e os falantes com mais de 25 anos.

Hipótese de investigação (H₁)- Há diferença estatisticamente significativa na produção dos sons (tʃ, dʃ, z) entre os falantes dos 15 aos 19 anos e os falantes com mais de 25 anos.

Para testar as hipóteses escolheu-se o teste Qui-Quadrado (χ^2) pois, permite comparar as frequências que efectivamente se observam com as que seria de esperar com base nas hipóteses formuladas.

Testou-se a significância do valor obtido, através de uma tabela de distribuição do χ^2 usando o nível de significância de $P < 0.005$.

Para cada variável o número de ocorrências de cada uma das variantes corresponde à frequência observada.

A frequência esperada foi encontrada através de procedimentos matemáticos multiplicando a linha pela coluna e dividido pelo número total de falantes e colocado na parte inferior de cada cela (cada um dos quadrados).

Uma vez que cada variável tinha um comportamento distinto das outras, as hipóteses foram testadas em três fases compreendendo cada uma delas um par de variantes da mesma variável:

(tɿ): [tɿ] / [ts]

VARIÁVEIS	15-19 ANOS	> 25 ANOS	TOTAL
(tɿ)	72 109.3	74 36.26	146
(ts)	151 115,5	0 37	151
TOTAL	223	74	297

$\chi^2 = 99.8$; Rejeitada a hipótese nula

(dɽ): [dɽ] / [dz]

VARIÁVEIS	15-19 ANOS	> 25 ANOS	TOTAL
(dɽ)	62 100.2	75 36.8	137
(dz)	142 103.8	0 38.2	142
TOTAL	204	75	279

$\chi^2 = 106,5$; Rejeitada a hipótese nula

(z): [z] / [z]

VARIÁVEIS	15-19 ANOS	> 25 ANOS	TOTAL
(z)	73 115.9	75 32	148
(Z)	198 155	0 42.9	198
total	271	75	346

$\chi^2 = 128.4$; Rejeitada a hipótese nula

Achados os valores do qui- quadrado e testada a sua significância verifica-se que o valor crítico situa-se abaixo do χ^2 . Sendo assim e rejeitada a hipótese nula o que significa que a diferença na pronúncia dos sons (tʃ, dʃ, z) é estatisticamente significativa, por outras palavras, há uma relação entre a pronúncia e a idade dos falantes.

4.1.2. LÍNGUA E SEXO

Sabe-se que em muitas sociedades a fala dos homens difere da das mulheres e que, numas sociedades esta diferença é mais acentuada que noutras.

Um exemplo clássico é trazido por Trudgill (1974:79) das Índias ocidentais, onde os homens usam muitas expressões que lhes são peculiares e que as mulheres não entendem nem as pronunciam, o mesmo acontecendo com as mulheres em relação aos homens.

A diferença sexual da língua pode ser encontrada nas chamadas palavras tabú, em que determinadas conotações estão associadas ao sexo masculino ou ao feminino; na diferenciação dos sexos através do sistema pronominal de certas línguas ou até na forma como os indivíduos se tratam dentro do sistema de parentesco.

Estudos em diversas comunidades revelaram que há uma tendência para as mulheres usarem mais as formas correctas e a serem mais conservadoras do que os homens²²:

Estas variedades diferenciadas de acordo com o sexo dos falantes são entendidas como resultado da diferença social que há entre os homens e mulheres, do sentimento dos indivíduos de cada grupo em relação a um tipo de linguagem e das várias pressões a que estão sujeitos dentro da comunidade. Para testar a relação entre as variáveis e o sexo dos informantes foram formuladas as seguintes hipóteses:

Hipótese nula (H₀)- Não há diferença significativa na pronúncia dos sons (tʃ, dʃ, z) entre os falantes do sexo feminino e masculino.

Hipótese de investigação (H₁)- Há diferença significativa na pronúncia dos sons (tʃ, dʃ, z) entre os falantes do sexo feminino e masculino.

Para cada uma das variáveis tem-se na parte superior da célula o de ocorrências observadas e, na parte inferior as frequências esperadas calculadas tal como nos testes das hipóteses anteriores.

²² cf. Trudgill, P., *Sociolinguistics: An Introduction to Language and Society* (1ª ed.), London, Penguin Books, 1974.

(tr): [tr]/ [ts]

VARIÁVEIS	HOMENS	MULHERES	TOTAL
(tr)	64 70.2	82 75.7	146
(ts)	79 72.7	72 78.2	151
TOTAL	143	154	279

$\chi^2 = 2,3$; Rejeitada a hipótese de investigação.

(dr): [dr]/ [dz]

VARIÁVEIS	HOMENS	MULHERES	TOTAL
(dr)	54 63.8	83 73.1	137
(dz)	76 66.2	66 75.8	142
TOTAL	130	149	279

$\chi^2 = 5.6$; Rejeitada a hipótese de investigação.

(z): [z]/ [z]

VARIÁVEIS	HOMENS	MULHERES	TOTAL
(z)	33 32.5	40 37.7	73
(z)	85 85.4	97 99.2	192
TOTAL	118	137	265

$\chi^2 = 0.199$; Rejeitada a hipótese de investigação.

Como se observa não foi possível rejeitar a hipótese nula, o que significa que é válida a hipótese segundo a qual não há diferença na pronúncia dos sons, entre os indivíduos do sexo masculino e os do sexo feminino. Assim fica provado que a diferença na produção dos sons não têm relação com o sexo dos informantes.

4.2. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

4.2.1. A INFLUÊNCIA DO CHANGANA

O multilinguismo que caracteriza a cidade de Maputo, pelo facto de coexistirem mais do que duas línguas pressupõe uma influência mútua entre as línguas em causa, a ocorrência de fenómenos típicos deste tipo de sociedades e imprime um comportamento linguístico nos seus falantes próprio das comunidades bilingues ou multilingues.

O falante está pois, sujeito a diverso tipo de pressões sociais que o levam nuns casos a aprender uma segunda língua para poder ascender socialmente, noutros a misturar ou a alternar os códigos e a usar palavras ou a introduzir sons de uma língua noutra, entre outros fenómenos.

Esta tendência para os traços de uma língua aparecerem noutra foi já abordada por muitos estudiosos sob perspectivas diversas.

Lado (1957), considerou no âmbito da análise contrastiva, que havia uma tendência para os indivíduos transferirem da sua língua nativa para a língua estrangeira formas, significados, sua distribuição e aspectos culturais.

Weinreich (1953) por sua vez, no contexto da problemática do contacto de línguas viu este fenómeno como resultado da coexistência de duas ou mais línguas.

Muito embora, estes dois estudiosos tenham tido preocupações diferentes, o primeiro preocupado com o ensino de línguas e o segundo com a problemática do bilinguismo, as suas constatações constituem uma evidência de que a convivência de duas ou mais línguas resulta num contacto de elementos linguísticos e extra-linguísticos, o que dá origem não só, à incorporação de novos ítems como também, à perda de outros já existentes, e na modificação e reorganização de outros.

Como foi já observado, Maputo é um lugar onde coexistem várias línguas quer de origem bantu, quer europeia e asiática, entre outras e, a existência de uma língua de origem europeia, como língua oficial, faz com que os seus habitantes na sua maioria falantes de língua bantu como língua materna tenham de falar o Português.

Estudos sociolinguísticos envolvendo as línguas bantu são ainda escassos todavia, Silva (op.cit) faz uma alusão à influência das línguas bantu associada a factores sociolinguísticos que interferem na fixação de uma variante do Português de Moçambique.

De entre as várias línguas do grupo bantu faladas na capital do país destacam-se as línguas Ronga e Changana.

Estas duas línguas pertencem ao grupo S50 na classificação de Guthrie (1967-1971), são mutuamente inteligíveis e são faladas segundo NELIMO (op.cit.) nas províncias de Maputo,

Gaza, onde têm o maior número de falantes, Inhambane, e um pouco por todo país e fora deste onde haja comunidades fixadas falantes dessas duas línguas.

Razões de ordem económica, histórica e até políticas fizeram com que a capital do país, um espaço do Ronga atraísse falantes do Changana da província vizinha de Gaza que como outras pessoas de outros pontos do país aqui procuravam melhores condições de vida.

Hoje o Changana parece ocupar lugar de maior destaque em relação a todas as outras de origem bantu uma vez que já possui um assento nos meios de comunicação, no ensino e na religião sem ignorar o seu papel político de meio de comunicação com as massas na zona sul do país no período pós independência.

Pretende-se assim, abordar a influência do Changana sobre o Ronga, a nível fonético, a partir da análise dos dados disponíveis.

Para o efeito, comparar-se-ão em primeiro lugar os dois sistemas fonéticos, apontando-se as semelhanças e diferenças após o que se analisará os casos anteriormente identificados.

4.2.2. SISTEMA FONÉTICO DO RONGA E DO CHANGANA

Da comparação feita dos inventários fonéticos das duas línguas através da observação dos quadros de sons das duas línguas estabeleceram-se características semelhantes e divergentes.

Os quadros dos sons foram elaborados com base em NELIMO (op.cit.), nos quadros do IPA apresentados por Cristal (1989) e Clark e Yallop (1980:359).

-FONES QUE OCORREM TANTO NO RONGA COMO NO CHANGANA:

OCCLUSIVOS- p, b, t, d, k, g

NASAIS- m, n, n^w , ny , η

FRICATIVOS- f, v, v^w , s, z, s^w , z^w , \int , ζ , h.

FRICATIVOS LATERAIS- l , l_3

LATERAL- l

AFRICADOS LATERAIS- tt , dt_3

AFRICADOS- pf, bv, ts, dz, $p\beta^w$, bz^w , $t\int(c)$, d_3

FLAPE- f

VIBRANTE- r

SEMI-VOCOIDE- w, j

CLIQUE ALVEOLAR- !

-FONES DO CHANGANA QUE NÃO OCORREM NO RONGA

IMPLOSIVOS- b , d

CLIQUES - alveo-palatal - tʃ

alveolar lateral - ɬ

-FONES DO RONGA QUE NÃO OCORREM NO CHANGANA

AFRICADOS ALVEOLARES RETROFLEXOS- $tɻ$, $dɻ$

FRICATIVO ALVEOLAR RETROFLEXO- $ʒ$

FRICATIVO BILABIAL SONORO- β

Ambas línguas possuem um sistema de cinco vogais podendo as vogais anteriores e posteriores semi-fechadas serem abertas ou fechadas NELIMO (op.cit.).

i u
e o
a

Casos de dupla articulação ou articulação complexa nas duas línguas incluem:

pré-nasalização- [mbilu]'coração'

aspiração- [khala]'carvão''

labialização- [n^wana]'filho'

palatalização- [rib^ye]'pedra'

As diferenças apontadas mostram que é sobretudo na área dos fricativos e africados onde ocorrem as flutuações identificadas.

Tais oscilações envolvem os sons retroflexos e labializados do Ronga, cuja contraparte no Changana não apresenta tais modificações.

4.2.3. A VARIAÇÃO FONÉTICA NO RONGA

A actividade da produção dos sons da fala congrega não só os órgãos da fala como também outras partes do corpo humano como o sistema respiratório, a fonte de energia, o sistema nervoso central e periférico, ambos vitais para a produção da fala e, ainda músculos directa ou indirectamente envolvidos no acto da fonação.

Muitos dos órgãos da fala, partes de corpo humano que intervêm na produção dos sons, têm esta actividade como secundária uma vez que, a sua função primária é de mastigar, engolir e respirar.

Uma consequência deste facto é que o aparelho vocal não é um órgão de precisão, daí a diferença na pronúncia dos sons pois, a forma e o tamanho dos órgãos determinam a produção do som. Este aspecto pode ser observado na diferença entre a fala das crianças e dos adultos e, na dos homens e mulheres.

Além disso, o aparelho vocal é capaz de produzir uma infinidade de sons alguns deles não reconhecidos como sons da fala, por exemplo, os grunhidos, roncões e até o tossir o que, no entanto, não quer dizer que não haja limites.

Cada língua selecciona do potencial articulatorio disponível os sons a serem usados no seu sistema e sistematiza essa selecção, por conseguinte, a variação na produção dos sons dessas línguas se efectuará dentro dos limites acordados, Clark e Yallop (1990).

Se por um lado, a produção dos sons da fala é influenciada pelos hábitos linguísticos, por outro, tem-se o estado emocional e os efeitos do ambiente em que ele está inserido.

Um falante identificar-se-á, provavelmente com um sistema linguístico que contém traços fonéticos que lhe são familiares e, a sua convivência com outros sistemas poderá influenciar os seus hábitos articulatorios.

Os sons aqui identificados e analisados fazem parte do grupo de consoantes que Clark e Yallop (op.cit) denominaram de articulação complexa (envolvem uma combinação de valores articulatorios) e, Abercrombie (1967), Hyman (1975) e Lodefoged (1967) de articulação secundária.

No caso de [tʃ, dʒ] trata-se de sons africados que envolvem uma retroflexão, modificação que implica um movimento da língua voltando-a para a parte posterior em direcção a raiz da língua.

O africado é definido em Cristal (1991) como um som produzido pelo fechamento completo do tracto vocálico seguido de uma libertação inicial que produz gradualmente uma oclusiva e posteriormente uma fricção de pequena duração.

O som [z] relativamente menos complexo que os dois primeiros é um fricativo que envolve uma retroflexão.

Esta tendência para a redução da retroflexão poderá ter algo a ver com o facto de a comunicação oral tender a ser o mais simplificada possível e, por essa razão, a opção pelos fones que envolvam menores combinações de valores articulatorios.

Em estudos ligados à mudança linguística também há evidências de mudança em determinada direcção, do mais complexo ao menos complexo. É reportada em muitas línguas como a chinesa, a tendência para mudança dos oclusivos sonoros [b,d,g] para os surdos [p,t,k] considerados menos complexos.

Nos estudos sobre a aquisição da linguagem, embora não tenha sido comprovada por outros estudiosos Jakobson (1941)²³ observa que a aquisição da língua nas crianças obedece a uma ordem relativamente fixa. Constatou-se que há uma tendência geral para as crianças inglesas no processo de aquisição aprenderem [f] antes de [θ].

Estas tendências, não só revelam a relativa complexidade de alguns sons em relação a outros como também, explicam de certo modo a tendência para a simplificação dos sons.

A articulação dos sons está assim sujeita a variações devido, primeiro ao carácter secundário da actividade da fala em relação a alguns órgãos cuja actividade natural não é a produção dos sons da fala; segundo, a produção dos sons da fala é influenciada por aspectos físicos, pelos hábitos individuais e emoções do falante ; terceiro, há factores externos ao indivíduo como o ambiente linguístico e social; quarto, a natureza dos sons envolvidos.

²³cf. Hymes, L. M., *Phonology: Theory and Analysis*, op.cit., p. 16.

4.2.3.1. VARIACÃO FONÉTICA DE [tʃ, dʃ, z]

Como vimos em 2.1., o Ronga está sujeito à influência das línguas com que coexiste.

O primeiro caso de variação tem a ver com o modo como os falantes pronunciam os sons (tʃ, dʃ, z).

Considerar-se-á a variante dos adultos de sistema 1 (S1), a variante dos falantes dos 15 aos 19 anos de sistema 2 (S2) e, de sistema três (S3) o Changana.

Os fones (tʃ, dʃ, z) pertencem ao Ronga, não tendo a sua contraparte no Changana.

Como se observou no Capítulo III eles são pronunciados de forma diferente no S2.

a) O africado vibrante alveolar surdo retroflexo [tʃ] do S1 é substituído pelo africado alveolar surdo [ts] no S2, em contextos onde no S3 ocorre [ts] e noutros onde era de esperar a sua ocorrência.

S1	S2	S3	
[tro:lo]	[tso:lo]	[tso:lo]	'joelho'
[kutrɔpa]	[kutsɔpa]	[kubɔfa]	'furar'

b) Ao africado vibrante alveolar sonoro retroflexo no S1 corresponde um africado alveolar sonoro no S2, contexto onde no S3 temos ou um africado alveolar sonoro ou um vibrante:

S1	S2	S3
[ʃivindʒi]	[ʃivindzi]	[ʃivindzi] 'fígado'
[lidʒimi]	[lidzimi]	[lirimi] 'língua'

c) Ao fricativo alveolar retroflexo do S1 corresponde um fricativo alveolar no S2 em contextos onde no S3 ocorre uma vibrante simples ou aspirada:

S1	S2	S3
[ʃizami]	[ʃizami]	[ʃir ^h ami] 'frio'
[muʒi]	[muzi]	[mur ^h i] 'remédio'

Observou-se que em todos os casos trata-se de casos de simplificação através da supressão do traço [+ retroflexo].

Parece que o falante diante de um sistema com sons relativamente complexos que envolvem mais do que uma actividade articulatória prefere os que são simples.

No entanto, podem ser divididos em dois tipos de situações, incluindo no primeiro o caso a) e b) e, no segundo o caso c). No caso a), depois de omitida a retroflexão, era de esperar que o falante do S2 produzisse um africado vibrante alveolar surdo [tr] e sonoro [dr], o que não acontece.

Pensa-se pois, que havendo no S3 palavras que designam a mesma realidade, onde ocorre o fone [ts], no mesmo ponto de articulação parece razoável pensar que o ambiente linguístico motive tal preferência.

Assim o falante de S2 substitui [tʃ], [dʃ] do S1 por [ts], [dz] no seu sistema.

S1	S2	S3
[tʃo:lo]	[tso:lo]	[tso:lo] 'joelho'
[ʃilondʒa]	[ʃilondza]	[ʃilondza] 'ferida'

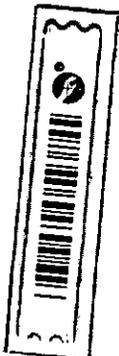
Segue-se depois um processo de generalização, pelo qual o falante supõe que para todos [tʃ,dʃ] deverá ter [ts,dz] respectivamente. E nas palavras de S3 semanticamente equivalentes a S1 onde não ocorre [ts] o falante usa som resultante da regra anterior.

S1	S2	S3
[ʃitʃoŋgo]	[ʃitsoŋgo]	[ʃitsoŋgo] 'pequeno'
[kutʃuŋa]	[kutsuŋa]	[kubo:ʃa] 'furar'
[ʃiʋindʒi]	[ʃiʋindzi]	[ʃiʋindzi] 'fígado'
[-dʒila]	[-dzila]	[rila] 'chorar'

Conclui-se que o falante de S2 substitui no seu sistema sons, através da supressão da retroflexão seguida de uma substituição por outros fones idênticos aos usados no S3 em contextos equivalentes.

No caso do fricativo este aparece substituído sempre por [z] pela supressão da retroflexão. No mesmo contexto do S3 ocorre uma vibrante.

S1	S2	S3
[ɽa:ma]	[za:ma]	[r ^h a:ma]
[to:ɽa]	[to:za]	[to:r ^h a]



Assim considerar-se-iam casos claros de influência do Changana os que envolvem (tɽ) e (dɽ), pois o som substituído pertence a S3. Efectivamente no S3 a retroflexão não é produtiva e, por conseguinte, o falante de S2 encontra nele alternativas menos complexas do ponto de vista articulatorio. Além disso, os fones preferidos pelos jovens possuem contraparte em contextos semanticamente equivalentes no S3, o que estimulará as generalizações feitas pelo falante de S2.

4.2.3.2. VARIAÇÃO FONÉTICA DE [j,ɣ], [nʷ, n] e [β,ʋ]

No caso das palavras reportadas em 3b) do capítulo III tal como observamos, à exceção do caso (iii) em que uma das variantes apenas é usada pelos falantes mais idosos, todas as outras ocorrem alternativamente nos dois grupos.

Os fones [j,ɣ] e [nʷ, n] parecem funcionar como variantes livres dum fonema pois, flutuam na fala dos adultos e jovens.

Trubetzkoi (1939:46)²⁴, considerou tratar-se de variantes livres ou opcionais, quando dois fones puderem aparecer em algum contexto sem causar uma mudança de sentido.

Uma das regras propostas por Trubetzkoi é:

*"Se dois sons da mesma língua aparecerem exactamente na mesma vizinhança fónica e se puderem ser substituídos um pelo outro sem que se produza com isso uma diferença de significação intelectual da palavra, então esses dois sons não são mais que variantes facultativas de um único fonema."*²⁵

²⁴ cf. Hyman, L. M., *Phonology: Theory and Analysis*, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1975, p.65.

²⁵ cf. Fontaine, J., *O Círculo Linguístico de Praga*, S. Paulo, Editora Cultrix, 1978, p.65.

Assim [jɣ], [rʷɣ] e [βɣ] considerar-se-iam variantes de um mesmo fonema.

i. [jĩmpi] 'guerra'

[ɣĩmpi] 'guerra'

ii. [rʷaɣana] 'rapariga'

[naɣana] 'rapariga'

iii. [βana] 'filho'

[ʋana] 'filho'

Por sua vez, Clark e Yallop (1990:125) designa de variantes ou alofones aos:

" Sounds which count as alternative ways of saying a phoneme "

Propõe ainda, para distinguir dentre uma série de fones qual deles é o fonema, a regra de Pike (1947:88)²⁶, segundo o qual o fone menos restrito na sua distribuição é o fonema²⁷.

²⁶ cf. Clark, J. & Yallop, C., *An Introduction to Phonetics and Phonology*, Oxford, Basil Blackwell, 1990, p.131.

²⁷ O Fonema, apesar de ser um conceito controverso, é definido como o som contrastivo ou distintivo dentro da língua, por Clark, J. and Yallop, C., *op. cit.*, p.125.

i. /ɲ/ [j]

[ɲ]

ii. /n/ [n^w]

[n]

iii. /v/ [β]

[v]

Assim, [j,ɲ] e [n^w, n] seriam considerados variantes de um mesmo fonema [ɲ] e [n] respectivamente. Estes fonemas representam a distribuição menos restrita em termos de grupo onde ocorrem.

[j] e [n^w] ocorrem numa parte da população com mais de 25 anos, enquanto que [ɲ] e [n] abrangem alguns adultos do 1º grupo e os mais jovens.

Analisando estes casos no contexto do contacto de línguas o fone que se apresenta como abrangendo a maior parte da população é idêntico ao que ocorre no Changana.

Quer parecer que se tivermos em conta que o Ronga e o Changana são línguas mutuamente inteligíveis, faladas num mesmo espaço, os fones identificados poderão ser realizações de um mesmo fonema x nas diversas línguas:

[j] e [ɲ] Ronga

/x/

[ɲ] Changana

No entanto, o facto de [j] e [n^m] serem reconhecidos como pertencendo à "norma" Ronga, e [ɲ] e [n] ao Changana leva a crer que a ocorrência de [ɲ] e [n] no Ronga está relacionada com o Changana.

Aliás, Labov (1971: 432-437)²⁸, defende que a variação livre tem muitas vezes um significado sociológico.

Acrescenta ainda que quando dois grupos numa mesma comunidade falando variantes diferentes (ex. prestígio vs. baixa) se encontram, o resultado é uma mistura de "dialectos" e em alguns casos as duas formas coexistem num mesmo dialecto como resultado do contacto contínuo.

No caso dos fones [β] e [ɓ], ao contrário de [j] e [n^m], o fricativo bilabial sonoro apenas ocorre nos falantes com mais de 40 anos. [β] é reconhecido como pertencendo a um Ronga "antigo" ou ao Ronga escrito na Bíblia, onde é representado graficamente por um "b" e, por conseguinte não é uma forma corrente no Ronga.

Apesar de se acreditar na influência de segmentos vizinhos o que explicaria o facto de [n^m] ter perdido a labialização no caso anterior, e neste [β] ter adquirido o traço [+ dental] do fricativo labio-dental parece razoável aceitar que essa assimilação possa ter sido estimulada pelo contexto sociolinguístico pela convivência com o Changana.

²⁸ cf. Hyman, L. M., *op. cit.*, p.65.

Contudo, não é de excluir a existência de variantes de determinado fonema X nas diversas variantes de Ronga, se se tiver em conta que por, exemplo, na variante falada na Catembe "xindindindi", o fone corrente é o oclusivo bilabial sonoro: [bana]- "filhos".

Porém, uma análise deste tipo requereria um estudo, comparativo das variantes do Ronga, ou ainda uma investigação numa perspectiva diacrónica com o fim de traçar uma possível evolução do fricativo bilabial ao longo dos tempos.

Em face dos dados disponíveis conclui-se que:

- A ocorrência de [ɲ, n, ɳ], que muito embora flutuem sem perturbar a comunicação, não é reconhecida como sendo pertencente a "norma" Ronga.

Do ponto de vista articulatorio, nas flutuações verificadas, fenómenos como a influência de segmentos vizinhos que por sua vez resulta na elisão, assimilação ou sobreposição de traços, parecem não ser relevantes para explicar a distribuição das variantes pelos dois grupos etários.

- Dado o contexto sociolinguístico da cidade de Maputo, o encontro das duas línguas parece ter resultado na substituição dos fones [j, n^w, β] do Ronga por [ɲ, n, ɳ], passando estes últimos a formas correntes do Ronga.

Assim, os traços indicadores da influência Changana no Ronga, são:

- A supressão do traço [+retroflexo] e posterior substituição por outro [-retroflexos] no mesmo ponto de articulação.

Recorde-se que os casos de retroflexão em Changana resumem-se aos fricativos alveolar retroflexo labializado surdo e sonoro [ʂ^w, ʐ^w] e, aos africados alveolares retroflexos labializados surdo e sonoro [pʂ^w, bʐ^w] -A alternância de sons, funcionando como de variantes livres na fala dos dois grupos como resultado do contacto com o Changana, com a forma mais usada a pertencer a esta língua.

CAPÍTULO V

5. CONCLUSÕES

Com a presente dissertação ficou demonstrado que, no Ronga tal como em todas as outras línguas há evidências de variação.

Constatou-se que o fenómeno da variação, a nível fonético, manifesta-se pela presença de variantes distribuídas de acordo com a idade.

A variação é marcada pela diferença de pronúncia dos sons [tʃ, dʃ, z] entre os informantes dos 15 aos 19 anos e os adultos com mais de 25 anos.

Ficou provado que os africados vibrantes alveolares surdo e sonoro retroflexos e o fricativo alveolar retroflexo, estão associados aos falantes adultos enquanto que, os africados alveolares surdo e sonoro e o fricativo alveolar estão relacionados com os informantes mais jovens.

Esta diferença foi avaliada estatisticamente, através de um teste de hipótese, o qui quadrado. Tendo-se constatado que a diferença de pronúncia era significativa entre os dois grupos, foi rejeitada a hipótese nula, ficando assim provada relação entre as variáveis linguísticas identificadas e um factor social, a idade do informante.

O mesmo não aconteceu no teste da relação pronúncia com o sexo, onde a diferença não é significativa.

A análise feita revelou que o falante mais jovem encontra a solução para o problema da complexidade da articulação dos sons da sua língua, no Changana, sistema lhe oferece uma contraparte de sons que envolvem menor actividade articulatória.

Outra evidência de variação, são os casos da alternância entre o semi-vocóide palatal e o nasal palatal, entre o som nasal alveolar labializado e a nasal alveolar, e do caso do fricativo bilabial sonoro.

Estes fones parecem funcionar como variantes livres flutuando nos dois grupos sem perturbar a comunicação, à excepção do fricativo bilabial sonoro que, ocorrendo apenas nos falantes com mais de 40 anos, tende a ser substituído pelo fricativo labio-dental brando.

Se por um lado, são reportadas evidências de que certas tendências universais explicam a preferência em termos linguísticos pelo menos complexo, num outro ângulo, temos o fenómeno do contacto de línguas que resulta no aparecimento de formas de uma língua na outra.

O facto de Maputo ser uma comunidade multilingue, com um nível de bilinguismo bastante elevado nas zonas urbanas e estar numa situação diglósica, contribui para que o comportamento do falante passe pela mistura ou alternância de códigos que motivam a substituição, a perda, a assimilação e até a reorganização de sons da sua língua.

O método da comparação interlíngua aqui usado permitiu concluir que há diferenças no inventário fonético das duas línguas, sobretudo nos sons fricativos e africados, onde se situam as variáveis aqui estudadas que justificam a pronúncia dos jovens.

Este método permitiu observar que as escolhas feitas pelos falantes mais jovens, tornam a sua variante mais próxima do Changana língua que, em termos de línguas bantu, representa a oferta linguística, de maior peso.

Do ponto de vista fonético não se excluiu a possibilidade de factores linguísticos ligados a articulação dos sons interferirem nestas diferenças, no entanto, elas pareceram ser estimuladas pelo contexto sociolinguístico.

Apesar de se acreditar no relativo grau de subjectividade na recolha dos dados fonéticos e na identificação das variantes, acredita-se que a metodologia seguida estava adequada ao tipo de dados e aos propósitos da investigação.

A identificação das variáveis a partir de um grupo pré-estabelecido de falantes permitiu chegar-se à conclusões sobre o comportamento das mesmas relacionando-as com factores sociais.

As diferenças na pronúncia aqui constatadas são deste modo, tidas como evidências de variação entre os membros de cada grupo como também, de grupo para grupo.

Tal como Weinreich (1953) observou, a influência entre duas línguas é determinada por factores linguísticos e não linguísticos; isto é' as diferenças e/ou similaridades estruturais dos dois sistemas, as regras sociolinguísticas, as funções das línguas na comunidade, a duração do contacto entre outros factores vão motivar a incorporação de elementos de uma língua na outra. Constituíram limitações deste projecto o facto de a população não estar familiarizada com este tipo de investigações. Por diversas vezes ao longo da recolha de dados o falante deixou transparecer que havia algo mais importante que estudar a língua, questionando muitas vezes sobre os objectivos de tais pesquisas.

Pensa-se que pesquisas nesta área deverão continuar envolvendo mais línguas.

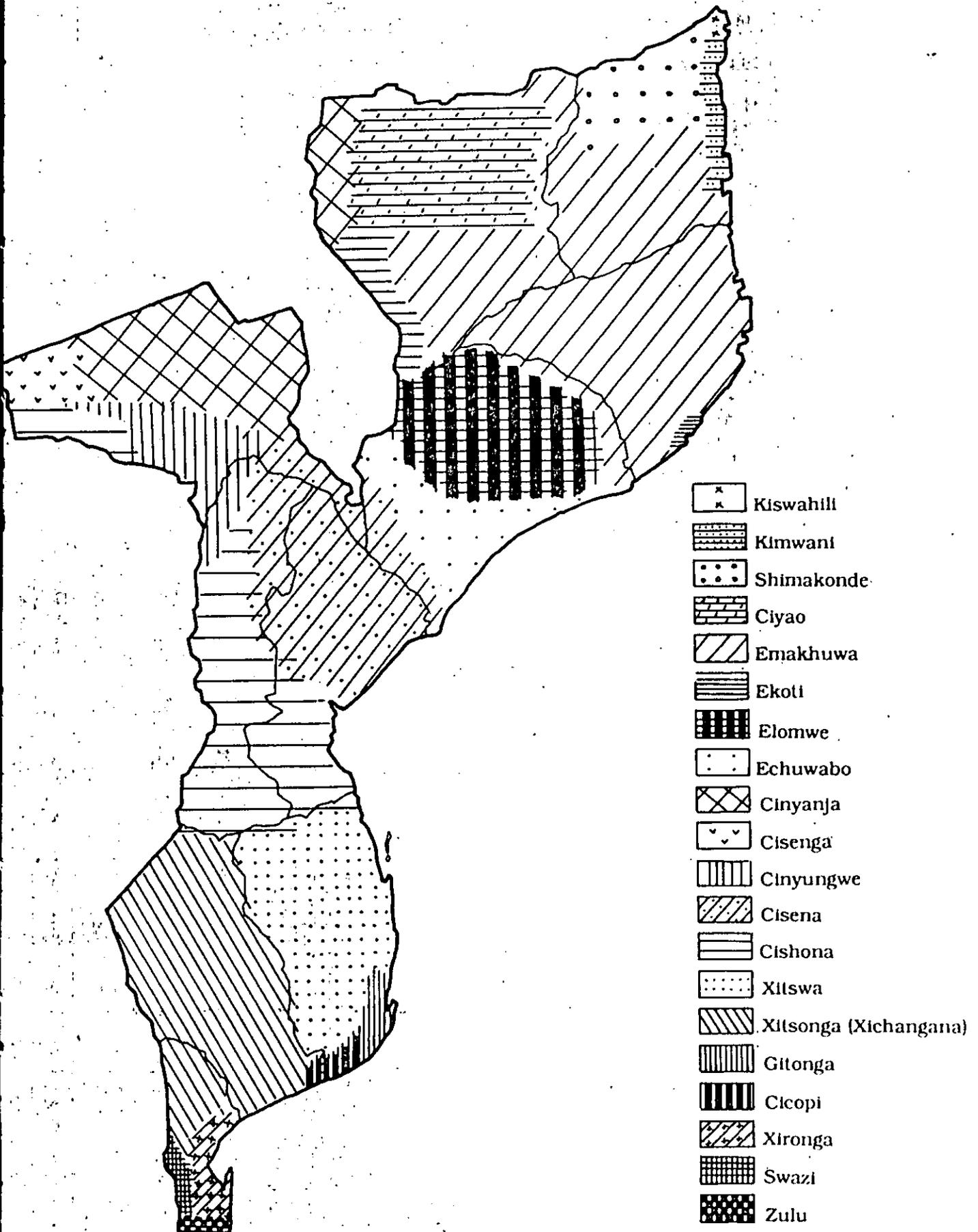
Maputo é uma cidade multilingue e, por conseguinte, as influências numa língua poderão ser de mais de uma língua e, tal como Greenberg (1971) afirma, é importante desenvolver estudos ligados ao contacto entre as línguas africanas, pois a maior parte dos falantes não são meramente bilingues mas políglotas.

ANEXOS

ANEXO I

Mapa Linguístico de Moçambique

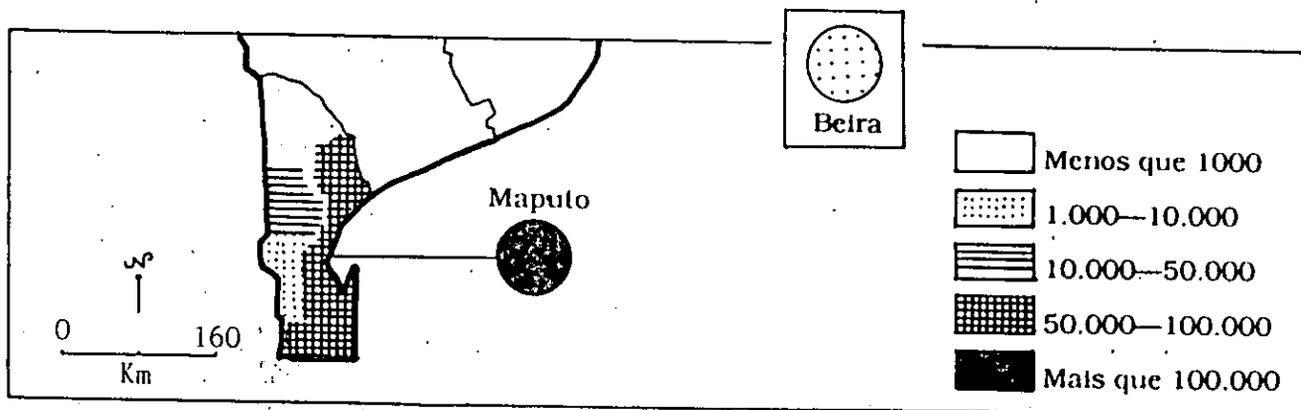
Mapa Linguístico de Moçambique



ANEXO II

Distribuição de Falantes de Xironga (Ronga) na Província de Maputo

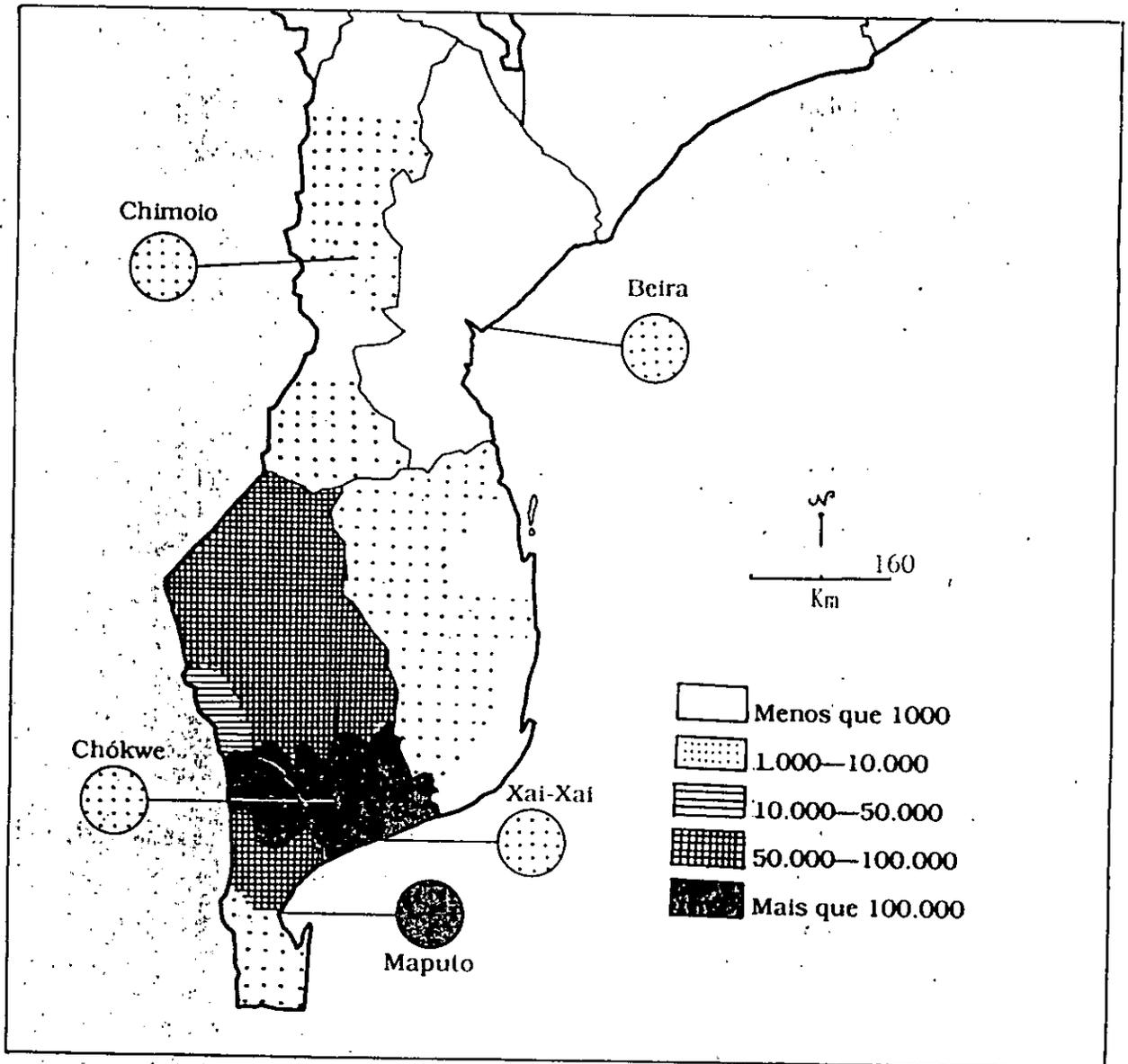
XIRONGA



ANEXO III

Mapa da Distribuição de Falantes de Xitsonga (Changana)

XITSONGA



ANEXO IV

Inquérito Sociolinguístico

INQUÉRITO SOCIOLINGÜÍSTICO

NOME _____ SEXO _____

IDADE _____ GRUPO ETÁRIO 15-----20 _____
21-----25 _____
26-----30 _____
31-----40 _____
41-----e mais _____

LOCAL DE NASCIMENTO (Província) _____
Distrito _____ Localidade _____

LOCAL DE RESIDÊNCIA _____

OUTROS LUGARES ONDE TENHA VIVIDO _____
_____ TEMPO _____

LÍNGUA MATERNA _____

OUTROS NOMES _____

OUTRAS LÍNGUAS QUE FALA (bem /mal/ suficiente/ só percebe) _____

QUE LÍNGUA FALA QUANDO ESTÁ: _____
com a família (em casa) _____
com os amigos _____
com os colegas (no local de trabalho) _____
na igreja _____
com outros parentes _____

LÍNGUA DO CÔNJUGE _____
LÍNGUA DA MÃE _____ DO PAI _____
AVÓ materna _____ AVÔ materno _____
AVÓ paterna _____ AVÔ paterno _____
TIOS maternos _____
TIOS paternos _____

NÍVEL EDUCACIONAL _____

OBSERVAÇÕES _____

CONTACTO _____
TELEFONE _____

INVESTIGADOR _____
LOCAL _____ DATA ____/____/____

ANEXO V

Lista de Palavras de Vocabulário Básico

LISTA DE PALAVRAS DO VOCABULÁRIO BÁSICO

NOME:

	singular	plural
I. 1. pessoa	_____	_____
2. homem	_____	_____
3. mulher	_____	_____
4. rapariga	_____	_____
5. rapaz	_____	_____
6. criança	_____	_____
7. velho	_____	_____
II. 8. corpo (humano)	_____	_____
9. cabeça	_____	_____
10. cabelo	_____	_____
11. face	_____	_____
12. bochecha	_____	_____
13. olho	_____	_____
14. nariz	_____	_____
15. boca	_____	_____
16. lábio	_____	_____
17. dente	_____	_____
18. gengiva	_____	_____
19. língua (órgão)	_____	_____
20. saliva	_____	_____
21. orelha	_____	_____
22. pescoço	_____	_____
23. costas	_____	_____
24. peito	_____	_____
25. barriga	_____	_____

sg.

pl.

26. umbigo

27. pele

28. nádega

29. seio

30. osso

31. braço

32. mãe

33. dedo

34. unha

35. perna

36. coxa

37. joelho

38. pé

39. intestino

40. estômago

41. fígado

42. rim

43. pulmão

44. coração

I. 45. nêcho

46. fêmea

47. mãe

48. pai

49. avô

50. avê

51. grávida

52. filho

53. gêmeos

54. irmão

55. irmã

56. cunhado

sg.

pl.

- VIII. 116. céu
- 117. nuvem
- 118. chuva
- 119. seca
- 120. vento
- 121. treveada

- 122. frio
- 123. sol
- 124. estrela
- 125. lua

- X. 126. dia
- 127. semana
- 128. ano
- 129. noite
- 130. hoje
- 131. ontem
- 132. amanhã
- 133. tarde

- 134. abelha
- 135. mel
- 136. mesquite
- 137. mosca
- 138. doença
- 139. remédio
- 140. sarna
- 141. ferida
- 142. saúde
- 143. dança
- 145. canção

A series of horizontal lines for writing, corresponding to the list items on the left. Each line is followed by a small dot on the right side.

235. começar

237. despir

239. casar

236. acabar

238. vestir

240. ser casada

ANEXO VI

Quadro Fonético dos Contóides do Ronga

ANEXO VII

Quadro Fonético dos Contóides do Changana

Changana

	Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Alveolar-labializado	Alveolar-retroflexo labializado	Alveo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivos	p	t					k		
	b	d					g		
Nasais	m	n		n ^w			ɲ, ny ŋ		
Implosivos	ɓ	ɗ							
Fricativos		f	s					h	
		v	z						
Fricativos laterais			t						
			ɬ						
Laterais			l						
Africados laterais			ɬ						
			ɬ						
Africados		pf	ts						
		bv	dz						
Vibrantes			r						
Flape			ɰ						
Semi-vocoide [w]									
Cliques									

ɲ^w
ɲ^w

ɬ³

ɬ^w
ɬ^w
ɬ^w
ɬ^w

ɬ^w
ɬ^w
ɬ^w

ɬ

BIBLIOGRAFIA

1. Abercrombie, D., *Elements of General Phonetics*, Edinburg, Endiburg University Press, 1967.
2. Bloomfield, L., *Language* (1ª ed.), London, George Allen and Unwin, 1935.
3. Chambers, J. K. and Trudgill, P., *Dialectology*, Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
4. Clark, J. and Yallop. C., *An Introduction to Phonetics and Phonology*, Oxford, Basil Blackwell, 1990.
5. Crystal, D., *A Dictionary of Linguistics and Phonetics* (3ª ed.), Oxford, Basil Blackwell, 1991.
6. Dittmar, Norbert, *Sociolinguistics: A Critical Survey of Theory and Application*, London, Edward Arnold, 1976.

7. Ducrot, O. e Todorov, T., **Dicionário das Ciências da Linguagem**, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982.
8. Ferguson, C. A., **Language Structure and Language Use: Essays (1ª ed.)**, Stanford, Stanford University Press, 1971.
9. Fishman, J. A. (ed.), **Advances in the Sociology of Language- Basic Concepts, Theories and Problems: Alternative Approaches**, vol I, Paris, The Hague, Mouton, 1971.
10. Gregory, M. and Carrol, S., **Language and Situation: Language Varieties and their Social Contexts (1ª ed.)**, Boston, Routledge and Kegan Paul, 1978.
11. Greenberg, J. H., **Language, Culture and Communication: Essays**, Stanford, Stanford University Press, 1971.
12. Gumperz, J. J., **Language in Social Groups: Essays (1ª ed.)**, Stanford, Stanford University Press, 1971.
13. Halliday, M. A. K., **Language as Social Semiotic**, London, Edward Arnold, 1978.

14. Hyman, L. M., **Phonology: Theory and Analysis**, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1975.
15. Hymes, D. H., **Language, Culture and Society: A Reader in Linguistics and Anthropology**, New York, Harper and Row, 1964.
16. Labov, W., **Sociolinguistic Patterns**, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972, 10ª ed., 1984.
17. Ladefoged, P., **A Course in Phonetics** (2ª ed.), New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1975.
18. Lado, Robert, **Introdução à Linguística Aplicada para Professores de Línguas**, Petrópoles, Editora Vozes, 1971.
19. NELIMO, I **Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas**, Maputo, INDE, 1989.
20. O'Connor, J.D., **Phonetics**, Harmondsworth, Penguin, 1973.
21. Pike, K. L., **Phonemics: A Technique for Reducing Languages to Writing**, Ann Arbor, University of Michigan Press, 1943.

22. Pike, K.L., **Phonetics**, Ann Arbor, University of Michigan Press, 1943.

23. Romaine, S. (ed.), **Sociolinguistic Variation in Speech Communities**, London, Edward Arnold, 1982.

24. Saussure, F. de, **Cours de Linguistique Générale, 1916, Tradução Portuguesa, Curso de Linguística Geral**, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986.

25. Trudgill, P., **Sociolinguistics: An Introduction to Language and Society (1ª ed.)**, London, Penguin Books, 1974.

26. Wardhaugh, R., **An Introduction to Sociolinguistics**, Oxford, Basil Blackwell, 1986.

27. Weinreich, U., **Language in Contact (8ª ed.)**, Paris, Mouton, 1974.